6. Referências bibliográficas

- AQUINO, J. G. (org) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. SP: Summus Editorial, 1996.
- ARAÚJO, U. F., **O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil**. In: Macedo, L. (org) *Cinco Estudos de Educação Moral*, SP: Casa do Psicólogo, 1996.
- ÀRIÈS, P. **História social da criança e da família**, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.
- BADINTER, E., (1985), **Um amor conquistado: o mito do amor materno**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Z., **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BRANDAO, Z. **Pesquisa em Educação**. Conversas com pós-graduandos. Rio de Janeiro: Puc-rio; SP: Loyola, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05-10-1988. 29ª. edição, atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96 – 20-12-96**.
- CARVALHO, J. S. F. de **Os sentidos da (ind)disciplina: regras e métodos como práticas sociais**. In: Aquino, J. G. (org) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. SP: Summus Editorial, 1996.
- De LA TAILLE, Y. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002a.
- _____. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Editora Ática, 2002b.
- _____. **A educação moral: Kant e Piaget**. In: Macedo, L. (org) *Cinco Estudos de Educação Moral*, SP: Casa do Psicólogo, 1996.
- _____. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: Aquino, J. G. (org) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. SP: Summus Editorial, 1996.
- DEVRIES, R. & ZAN, B. **A Ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998. Título original: *Moral Classrooms, Moral Children*.
- DIAS, Adelaide A. **Autonomia enquanto fundamento da educação moral na educação infantil: Concepções e Práticas**, Tese de doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2001.

- DONZELOT, J. **A polícia das famílias**, São Paulo: Graal, 1980.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- GELIS, J., **A individualização da criança**. In: História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes. Orgs. Philippe Ariès e Roger Chartier. SP: Companhia das letras, 1991.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. Tradução Álvaro Cabral. SP: Martins Fontes, 1984 (impressão 1989)
- GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**. Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.
- GUIMARÃES, A. M. **Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola**. In: Aquino, J. G. (org) Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas. SP: Summus Editorial, 1996.
- HABERMAS, J. **Consciência Moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983/1989.
- HAMANN, F. P. **O funk brasileiro no contexto da indústria de massa**. In: Jobim e Souza (org) Educação@pós-modernidade: ficções científicas e ciências do cotidiano. Rio de Janeiro: 7letras, 2003.
- HASEBE, Y. & NUCCI, L. **Parental control of the personal domain and adolescent symptoms of psychopathology: A cross-national study in the U.S. and Japan, Chicago, USA, 2001**.
- HERSCOVICI, C. R. & BAY, L. **Anorexia nervosa e Bulimia – ameaças à autonomia**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe – a crise do casamento contemporâneo**, Rio de Janeiro: Agir, 1998.
- JOBIM E SOUZA, S. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. SP: Papyrus, 1994
- _____ **A Psicologia do Desenvolvimento e as contribuições de Lev. Vygotsky**. In: Freitas, M. T. A. (org) Vygotsky um século depois. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998
- _____ **Educação e felicidade na cultura do consumo**. In: _ (org) Educação@pós-modernidade: ficções científicas e ciências do cotidiano. Rio de Janeiro: 7letras, 2003

- KAMII, C. & DECLARK, G., **Reinventando a aritmética**: implicações da teoria de Piaget, SP: Papirus, 1985 (impressão 1994)
- KAMII, C. & LIVINGSTON, S. J. **Desvendando a aritmética**: implicações da teoria de Piaget, SP: Papirus, 1994 (impressão 1995)
- LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração** – A família: santuário ou instituição sitiada? Tradução de Ítalo Tronca e Lucia Szmrecsanyi, SP: Paz e Terra, 1977 (impressão 1991).
- MACEDO, L., **O lugar dos erros nas leis ou nas regras**. In: _ (org) Cinco Estudos de Educação Moral, SP: Casa do Psicólogo, 1996.
- MINAYO, M. C. de S. (org) **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- _____ **A Educação Especial na Perspectiva de Vygotsky**. In: Freitas, M. T. A. (org) Vygotsky um século depois. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998.
- MORENO, M. **Temas transversais**: um ensino voltado para o futuro. In: Busquets, M. D. & OUTROS Temas transversais em Educação. Bases para uma formação integral. SP: Ática, 1997.
- NOAM, G. G. & WREN, T. E. **Introduction: Building a better paradigm**. Cambridge: Massachusetts e Londres, The MIT Press, 1993.
- NOVAES, M. H. **Compromisso ou alienação frente ao próximo século**. Rio de Janeiro: NAU, 1999.
- _____ **Psicologia Escolar**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____ **Psicologia Pedagógica**. O Real, O possível, o Necessário em Educação. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- _____ **Repensando a Formação e o Exercício Profissional do Psicólogo Escolar na Sociedade Pós-moderna**. In: Almeida, S. F. C. de (org) Psicologia Escolar – ética e competências na formação e atuação profissional. SP: Alínea, 2003.
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do psicólogo, 1999
- PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança**, São Paulo: Summus Editorial, 1932. (impressão 1994).
- _____ **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1964 (impressão 2002)

- _____. Os procedimentos da educação moral. In: **Cinco Estudos de Educação Moral**, MACEDO, L. (Org). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1930. (impressão 1996)
- PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.
- SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. In: Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática, São Paulo: Cortez, 3^a. ed. 2001.
- SANTOS, L. S. dos & JABLONSKI, B. **Sexo, infância, TV e consumo: estereótipos do prazer**. ALCEU, v. 4, n.7, p. 37 a 54, jul/dez. 2001.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia. das Letras, 1974/76 (impressão 2002)
- SILVA, V. L. N. da **Os Estereótipos Racistas nas Falas de Educadoras Infantis**: Suas Implicações no Cotidiano Educacional da Criança Negra. dissertação de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2002.
- SOCCI, Vera M. V. **Elaboração e validação de uma escala de atitudes em relação a sexo**, Tese de Doutorado, USP, SP, 1983.
- VALSINER, J. & VASCONCELLOS, V. M. R. **Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- VASCONCELLOS, V. M. R. & FRIEDLMEIER, W.; TROMMSDORFF, G. **Project: Subjective child-rearing theories in cultural perspective**, Sub-projeto vinculado ao Projeto Integrado: *Contextos Infantis de Construção do Conhecimento e Formação da Subjetividade da Criança e do Educador* (CNPq/processo nº 520938/96-8/NV – Biênio 1998-2000), Niterói: Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, 1998.
- _____. AQUINO, L. M. L. de & LOBO, A. P. S. L. **A integração da Educação Infantil ao sistema de ensino**: exigências e possibilidades pós-LDB. In: Souza, D. B. de & Faria, L. C. M. de (org) *Desafios da Educação Municipal*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. **Zona de Desenvolvimento proximal**: A Brincadeira na Creche. In: Freitas, M. T. A. (org) *Vygotsky um século depois*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998
- _____. **Formação dos profissionais de Educação Infantil**: reflexões sobre uma experiência. Em Aberto, Brasília, v. 18, n. 73, p. 98-111, jul. 2001.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo SP: Martins Fontes, 1987 (impressão 2000)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
SUELY DE A. BATISTA DESSANDRE (PUC-RIO);

Professora: SV

Escola Municipal Rachide

Aluno: P

(2)

P: Você considera P uma criança fácil, ou difícil?

S: Difícil.

P: Por quê?

S: Porque ele é uma criança que tem vivências, experiências, muito acima dos outros alunos da turma, né, quer dizer, ele tem assuntos, tem é...reações, que não condizem com as crianças da faixa etária, que ele tá lá na quarta série, apesar...

P: Ele é bem mais velho?

S: Apesar de ele não ser mais velho, mas ele vive num ambiente que, né, de certa forma, é, contribuí para essas experiências assim..., é, diferente dos outros alunos, né, então..., e essa é uma dificuldade, então de certa maneira eu tenho que tratá-lo um pouco diferente dos outros, né, com a preocupação de que os outros também não me cobrem isso, né. Ele também é..., ele tem uma dificuldade de relacionamento, de aceitar ordens, por exemplo, regulamentos, regras, executar as tarefas dele na hora certa, ele, o dia que ele quer, ele faz tudo direitinho, o dia que ele não quer a gente tem que estar em cima dele pra ele fazer. Dificuldades também de conviver, às vezes, né, com os outros colegas, né, aqueles problemas de briga, de aceitar a autoridade dos representantes, por exemplo, né, de respeitar os horários, enfim, é uma criança que não tem...às vezes, apresenta falta de limites, né, falta de...né, então é difícil de trabalhar com ele, é, também existem dias em que isso acontece com a maior facilidade, né, agente consegue..., ele senta lá, faz o que ele tem que fazer, produz, faz até..., entendeu, aí nesses dias eu procuro, assim, elogiar, né, botar lá em cima, pegar assim aquela coisinha pequenininha e fazer um (...) desse tamanho, aí ele vai bem. Mas é assim, no geral ele é um aluno muito difícil de lidar, comigo e com os outros colegas também, que os outros colegas também reclamam muito dele, que ele bate, que ele briga, que ele discute, que ele não respeita os limites, ele pega as coisas dos outros, mesmo que não seja assim “pegar” coisa, mas pegar pra usar sem pedir, essas coisinhas assim, né, é..., faz determinadas brincadeiras fora de hora, atrapalha, enfim, existem momentos em que fica muito difícil para mim e pro resto dos meus alunos também, lidarem com ele, né, aí eles ficam, tipo assim, de certa maneira, cobrando de mim uma reação mais, né, mais enérgica com ele. Mas, por outro lado eu percebo que também se você for na..., sabe, aquela coisa do embate, do grito, da coisa..., com ele não dá certo, porque ele está acostumado já a responder, a falar, a brigar, entendeu, a argumentar, então não adianta a gente ir no grito, só no castigo, naquela coisa, né, então a gente vai tentando, né, lidar mas, assim, tentando mostrar as coisas, mas assim sem..., como é que se diz, assim, sem impor muito as coisas, sem mostrar..., e, apesar das dificuldades, a gente tem conseguido trabalhar, né, com essas coisas, quer dizer, ele gosta de ficar olhando janela, na hora da aula, né; ele gosta de..., ele diz que falta a aula pra ir à praia, quer dizer, aí os outros alunos ficam assim, mas eu procuro não achar isso um absurdo, né, que na verdade é isso que ele quer, né, então eu procuro..., eu levo na brincadeira, eu

falei: ”Pô, se eu pudesse eu também hoje tava na praia, né, um sol bonito, tal, mas eu tenho que trabalhar se não chega no final do mês e eu não tenho meu dinheiro, então, isso é pra quem pode”, ainda brinco assim e tal, entendeu, pra gente tentar, porque se não, né, não adianta, quer dizer, a impressão que eu tenho, é que ele faz pra afrontar, né, “Ah, não vim à aula ontem porque eu fui pra praia”, ou então: “Eu não venho à aula amanhã, porque eu vou pra praia”, né, eu falo assim: “Pô, quem pode, pode”, né, então ele... “Eu tenho que vir, porque eu tenho que trabalhar, eu preciso, tal...”, entendeu, então eu vou assim meio que por aí, né, e assim eu tô levando, eu acho que com dificuldade, mas tô conseguindo fazer um trabalho com ele razoável, não é sempre que ele faz as tarefas..., é com..., assim, ele faz sempre, mas às vezes eu tenho que dar, tipo assim: “Se não terminar não vai pro recreio”, “Se não terminar vai perder a recreação”, entendeu, então ele enrola, enrola, enrola, enrola, até ele ver que não pode mais, aí quando ele vê que tá faltando, tipo assim, meia hora, aí ele vai lá num instantinho e ele faz tudo, aí também ele faz direitinho, entendeu, vem me mostrar, se tiver errado ele conserta, entendeu, então, é uma coisa esquisita ele é fácil e difícil ao mesmo tempo, dependendo das situações.

P: E você considera o P uma criança autônoma ou não?

S: Em alguns momentos sim, em outros não, mas no geral ele não é autônomo, eu acho que não, porque realmente eu tenho mais que estar cobrando dele, mostrando a ele, entendeu, em alguns momentos ele até se mostra autônomo, principalmente assim..., vamos dizer, não muito na parte de aprendizagem, mas dele, da vida dele, das coisas dele, é um menino esperto, é um menino que sai sozinho, que vai pra praia; diz ele que vai sozinho, vai com os colegas; entendeu, compra as coisas que ele quer, enfim, é um menino que você vê que tem, é assim..., no dia-a-dia, né, na vida dele, ele parece que tem bastante autonomia, mas assim, no ambiente escolar, de aprendizagem..., talvez até por falta um pouco de interesse, né, ele não mostra essa autonomia não, tem que estar ali em cima dele.

P: E você me disse mais ou menos quais são as estratégias que você usa em função do P, agora, e no geral, quais são as estratégias que você usa pra promover a autonomia em sala de aula?

S: É, eu procuro mostrar, assim, que eles precisam, né, também começar, tipo assim, se virar, né, mostro que no caso eles estão na quarta série e o ano que vem..., eles na quinta série, eles vão ter uma outra realidade, então que eles precisam realmente parar, tipo assim, de estar perguntando tudo, procurar ler, ler o texto sozinho, que eles me cobravam muito isso: ”Professora a senhora não vai ler o texto”, “Eu não, vocês é que tem que ler, e depois fazer a interpretação, a gente pode até comentar, depois, né, que cada um leu o seu, fazer um comentário, mas vocês que tem que ler”, prova eu não leio eles tem que ler, entendeu, o horário “Professora, hoje é aula de que?”, “Eu não sei, vê o horário”, entendeu, procura assim mostrar pra eles que eles tem também que começar, né..., determinadas perguntas ”Ó, vai lá no caderno que tem isso aí, consulta”, né, vai buscar também essa informação, né, então, assim, em termos assim de aprendizagem eu procuro fazer assim, né?

P: Está ótimo, muito obrigado professora S Virgínia.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
SUELY DE A. BATISTA DESSANDRE (PUC-RIO)

Prof^a. E

Escola Municipal Rachide

Aluna: J

(3)

P: Você considera J uma criança fácil, ou difícil?

E: No sentido de autonomia?

P: Pode ser como você pensar e pode explicar.

E: Assim, em relação às atividades, ela tem muita dificuldade, então eu consideraria..., nesse ponto, eu consideraria ela uma criança difícil, nesse sentido, pois ela não faz nada sozinha, ela precisa muito de atenção, e faz muitas coisas para chamar a atenção, quando ela não está conseguindo fazer as coisas, ela chama a atenção dos colegas de alguma forma, né, do jeito que ela consegue, né, a minha atenção de alguma forma, então a maioria das atividades ela não tem autonomia, nesse ponto ela é uma criança difícil, mas é uma criança muito interessada, ela tem vontade de aprender, só que ela não consegue, tem um bloqueio nela, não sei, ou eu não consigo atingir o lado dela, que ela não consegue atingir os objetivos propostos.

P: E aí você me diz..., você disse mais ou menos o que seriam as características de uma criança, né, fácil ou difícil. O que você poderia me dizer das características de uma criança considerada fácil?

E: De uma criança fácil..., nenhuma criança, assim, ela é fácil, né, todas elas tem as suas limitações, tem as suas dificuldades, a diferença é que algumas outras crianças, né, elas..., às vezes até olhando a atividade, elas já vão descobrindo sozinhas o que, que é para fazer, né, elas já se comportam de uma maneira diferente, não tem essa necessidade de atenção, né, porque, por eles já conseguirem, eles já se interessam mais pela atividade, aí eles conseguem fazer e..., no caso né, não dão tanto trabalho como no caso da J, que precisa de ter sempre alguém ali com ela, mesmo às vezes, assim, tem atividades que ela não consegue fazer, assim..., porque ela já tem a autoestima bem baixa, então, que ela acha que não sabe fazer, mesmo assim eu falei: “Ah, eu te ajudo”, porque ela simplesmente trava e não faz, né, e as outras crianças não têm esse tipo de problema.

P: E você então, considera a J uma criança não-autônoma?

E: Não-autônoma. É, no caso assim, se for umas atividades, mais assim, de montagem, de jogos, ela até tem certa autonomia, agora pra leitura..., leitura e escrita ela não tem autonomia.

P: E aí seria..., se você dissesse no geral, como seriam as características de uma criança autônoma? Assim, no geral, não precisa necessariamente focar a J.

E: As características..., ah uma criança que conseguisse, por si só, né, fazer (...), né, todas as atividades desde os jogos até as atividades de leitura, escrita, produção de texto.

P: Está ótimo, você tem mais alguma coisa para dizer?

E: Não.

P: E eu vou lhe perguntar a última questão. O que você faz..., quais são as suas estratégias, pra você promover a autonomia em sala de aula, tanto da J quanto em outras crianças? Apesar de ter essas diferenças que você coloca.

E: Eu tento buscar as atividades que interessam, porque são mais fáceis pra ela, né, alguns jogos..., jogo da memória ela consegue com facilidade, ela faz as atividades pra juntar, né, as sílabas e formar as palavras, tipo, de vez ficar escrevendo, dá os quadradinhos das sílabas, pra ela ir..., pelo desenho ela já vai tentando, né..., até é uma atividade que pra mim dá até menos trabalho, que eles mesmos já se..., já ficam mais calmos, já se interessam mais e ela mesmo já vai buscando por si só fazer as atividades assim.

P: É uma boa estratégia.

E: É.

P: Está ótimo, professora E muito obrigada pela entrevista.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
Suely de Almeida Batista Dessandre

Professora: T.

Escola Municipal Rachide

Aluno: J.

(4)

P: É, na sua opinião, quais são as características de uma criança fácil ou difícil? J. pode ser considerada fácil ou difícil? Por quê?

T: É muito complicado você falar realmente criança fácil e criança difícil. Pra mim uma criança difícil é uma criança que não tem o mínimo interesse em nada, ela vem na escola como se fosse obrigada, e ela também traz muitos problemas familiares...então pra mim essa é uma criança difícil. Eu não acho que a dificuldade no aprendizado, faz com que eu rotule uma criança de difícil, entendeu, a dificuldade em si são esses problemas bem mais enraizados que a criança traz, que é problema familiar, e a não aceitação da criança, de repente, em freqüentar a escola, por mais que você diversifique as atividades, por mais que você crie atividades lúdicas, a criança está... nem um pouco interessada, e isso pra mim é uma criança difícil e com isso ela se torna agressiva, entendeu, ela incomoda os outros alunos, ela se torna uma líder negativa, então pra mim essa é uma criança difícil.

P: E no caso, quais são as características de uma criança fácil?

T: De uma criança fácil?... seria justamente o contrário, tá, é..., eu não levo em conta a dificuldade na aprendizagem, não, porque, até porque a gente trabalhando em ciclos, a gente percebe que a criança se ela não domina alguma..., alguma é..., algum conceito no ano, ela com o tempo você vai trabalhando aquela dificuldade e ela vai conseguindo, entendeu, agora uma criança..., você perguntou qual é a dificuldade..., qual a característica da criança..., fácil; então é ao contrário, é justamente aquela criança que...que vem com entusiasmo, que tem o apoio dos pais, que traz o seu material, até, não em termos de facilidade e aprendizado, ta, facilidade até mesmo em estar em uma sala de aula, em se fazer..., é...respeitar os professores, viver juntamente com os coleguinhas dentro de um nível de solidariedade...

P: E no caso a J. então, seria...?

T: A J. é uma criança fácil. Ela é tímida, mas ela é uma criança fácil.

P: Ela é uma criança autônoma ou não? Por quê? O que você acha e quais são as características de uma criança autônoma pra você?

T: É..., autônoma você diz que toma suas próprias iniciativas, que faz os seus deveres sozinha, né. Olha, ela..., a gente trabalha muito em grupo, a gente trabalha muito em grupo, até porque a criança da quinta série, ela vem com muita dependência da professora de quarta. Um minutinho, por favor...(pausa).

P: Continuando, então. Você acha que J. é autônoma ou não, por quê?

T: Olha, é como eu falei, essa história de escolaridade e quinta série, né, então a gente está trabalhando muito em grupo, a gente faz redação em grupo, que é muito interessante, depois essa redação em grupo...(ruído de uma pessoa interrompendo). Então a gente aproveita essa redação em grupo, cada um começa a escrever a sua história e eles vão trocando de caderno e eles vão completando a

história do outro. E depois a gente pede que esse grupo transforme essa redação numa produção teatral, então eu acho que ela no grupo dela..., ela se desenvolveu bem, ela pegou o papel dela com desenvoltura, embora ela seja tímida. Ela falou muito baixo, mas ela participou muito bem, agora autônoma, autônoma, eu acho que ainda falta um pouquinho pra chegar.

P: Quais são as características de uma criança autônoma, pra você?

T: É uma criança completamente independente, é uma criança que consegue é..., se desvencilhar sozinha, ela pega um conceito, ela vai..., ela estuda depois ela desenvolve, ela apreende, quer dizer, tem um pouco haver com a aprendizagem também, né, pra mim acho tem um pouco haver com a aprendizagem, aquela que se safa sozinha, né, quer dizer, eu acho que ela ainda está, assim, bem ligada ao grupo, mas eu acho importante essa participação do grupo, porque daí é que vai começar a surgir ela..., pra que ela seja autônoma, né?

P: E aí você já falou alguma coisa sobre as suas estratégias da promoção da autonomia, tanto pra J. quanto pros outros alunos. Quais são as outras estratégias que você pode me dizer?

T: Bom, essa redação em grupo eu gosto muito de trabalhar porque eles desenvolvem uma série de coisas, né, eles começam a fazer a sua própria redação, depois eles trocam, aí eles começam a ler a que vem, eles continuam, depois passa por outro..., quando o caderno chega às mãos, aí eles têm que finalizar, então eles reclamam: “Ih, trocou!”, eles morrem de rir: “A minha redação eu comecei assim...”, “A minha história começou assim..., ela acabou totalmente diferente”. É quase como você pegar uma história e dar um outro final, porque na realidade passou por quatro mãos, isso é muito importante, porque eles acabam fazendo uma coisa importante no Português, que é coesão e coerência, entendeu, na hora em que você lê o resultado final, você: “Puxa, quatro mãos, e ficou coerente!, tem uma coesão aí”, né; e é um trabalho muito interessante e depois transformando, assim, em produção teatral, aí eles curtem o máximo. Eu faço muita aula de bilhete, eu faço..., peço que eles dêem aula, pega um conceito, estuda, faz uma pesquisa, depois vem e passa pra turma o que eles aprenderam. É, nós estamos fazendo também um trabalho interessante junto com matemática e informática, um projeto de..., o nome do projeto é: “Dobrando e Criando”, então eles estão pegando uma dobradura..., um exemplo, eles fizeram um barquinho tá..., a professora de Matemática, com as dobraduras que entra geometria, e tudo mais né, que eu também não sei, assim, quais são as outras figuras que entram e tal. Faz o barquinho, aí ela vai ensinar a fazer essa dobradura, e a partir daí, chega na minha aula e eu peço que eles construam uma história, e aquele barquinho é ele, ele é o personagem, ele é o barquinho, ele tem que falar assim: “Eu sou o barquinho”, então ele vai contar as suas experiências como barquinho, aonde o barquinho foi, aonde é que começou a viagem..., aí vai pela imaginação da criança. E tem surgido histórias interessantes e quando termina essa história ela..., ela cola, aí eu faço a correção dos textos, né, a gente manda pra informática, eles digitam, a gente faz uma outra correção e a gente vai fazer um livrinho, então eu acho isso muito importante pra criança, então eles já tão: “Pôxa, eu vou escrever um livro!..., eu to escrevendo!..., olha como ficou bonito!...”; quer dizer também..., não deixa de ser também um pouco de autonomia, estar escrevendo um livro.

P: É claro, com certeza, é um estímulo muito grande. Você tem mais alguma coisa a me dizer, tanto quanto da J. quanto da..., do seu trabalho?

T: São várias..., assim, eu tenho trinta e dois anos de magistério, então eu passei, assim, várias etapas, né, vários processos, então eu fico, assim, muito triste nesse momento tá, porque a educação..., eu não sei se é geral, mas eu acho que é geral, ela teve um momento assim de..., de aprovação automática, tá, não é que eu não seja...(ruído de pessoa entrando na sala). Não é que eu não seja contra a aprovação automática não, mas o aluno e o professor não estavam preparados pra isso, então o que que aconteceu, o aluno achava que era só vir à escola, freqüentar o ano, e ele passava de ano, né, e aí com isso gerou muita indisciplina, você não conseguia nem controlar isso, porque o aluno..., primeiro pra você ter um bom rendimento, você precisa ter o respeito, a disciplina; a disciplina em primeiro lugar; né, não é aquela disciplina rígida não, mas é você saber que está numa escola, e que você está lá pra você cumprir com as suas obrigações, que você tem direitos e deveres, então com essa promoção automática acabou os direi..., acabou deveres, só tinha direitos...então eu acho isso muito complicado pra cabeça do aluno. E agora transformaram em ciclos, você passa de dois em dois anos, mas eu acho ainda..., melhorou porque você tem um tempo melhor, o aluno tem um tempo melhor pra poder chegar a essa...a esse conhecimento, até pra poder ser aprovado ou não, que eu acho interessante ele ser aprovado ou não, mas o aluno, nem o professor estavam preparados pra isso, então eu acho que ainda tá faltando..., até porque a sociedade está muito conturbada mesmo, então o aluno está trazendo todo esse reflexo, né? E na sala de aula o mais importante é o respeito e a disciplina, eu ainda acho...não é aquela disciplina rígida, não, mas você saber que você tem que chegar, que você tá na hora de fazer o seu dever, que você tá na hora de apresentar o seu trabalho, que você não pode esquecer uma tarefa, entendeu? Essa responsabilidade que você tem que cobrar do aluno, então como uns cobram e outros não cobram, então está, assim, uma coisa muito complicada, eles questionam muito: “Pôxa, mas a professora não faz isso. Por que, que você faz isso?”, “Por que, que você exige e a outra não exige?”, então fica uma coisa muito complicada, então eu realmente vejo, nesse momento, muito difícil pra educação, por causa da indisciplina e falta de respeito. Só isso que eu tenho a falar, quer dizer, são trinta e dois anos de magistério... são várias fases que eu já passei, embora eu..., você está aqui em sala de aula, cada dia é um momento e cada turma é um momento, todo dia, né? Você sai de uma mesma quinta série e vai pra outra, você não desenvolve uma mesma atividade porque é impossível, né? Mas eu acho que é um momento muito de transição, né, eu acho que a gente ainda vai conseguir alguma coisa, mas o que eu sinto assim muita falta daquela..., da outra época, é que os professores tinham que ter mais consciência com essa coisa de respeito e disciplina, porque o próprio trabalho, até porque como professor, se você está dando alguma coisa, você tem que cobrar alguma coisa e a gente sente um pouco as coisas meio perdidas nesse aspecto. É isso, não tenho muito mais a acrescentar, não...

P: Muito obrigada professora T.

T: De nada.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
SUELY DE A. BATISTA DESSANDRE (PUC-RIO);

Professora: R.

Escola Municipal Vera Lucia Machado

Aluna: T.

(5)

P: Pra você, T. é uma criança, ou uma aluna, fácil ou difícil?

R: Fácil.

P: Fácil, por quê?

R: Porque você classificar um aluno como difícil, né, é você..., eu me classificaria também como uma professora difícil, então se eu acho ela uma aluna fácil eu consigo trabalhar com ela de uma maneira mais clara, eu consigo ver que ela vai conseguir, que ela tem..., que ela tem potencial, como, se eu classificá-la como uma aluna difícil, eu já estou excluindo ela de alguma maneira, e eu não quero que isso ocorra com ela, nem com os meus outros alunos, então, por mais dificuldades que os meus alunos tenham, eu acho que, pra mim, eles são fáceis, todos eles; e a T. está nesse grupo, ela está inclusa nesse grupo.

P: E seriam quais as características, por exemplo, de um aluno fácil ou difícil pra você?

R: Um aluno fácil..., um aluno fácil é aquele aluno que ele quer aprender, ele está ali na escola, é, ele tem uma motivação, né, e essa motivação é conseguida na própria sala de aula, né, e se não tiver essa motivação, o aluno..., ele se torna realmente difícil, porque não quer, ele cria uma barreira, então acho que o aluno difícil é aquele aluno que cria uma barreira pro meu lado pessoal também, como professora. Ele não gosta de determinadas coisas que eu falo, determinadas coisas que eu..., que eu..., que eu aplico, e eu não consigo com ele uma comunicação, então, o aluno difícil é aquele que eu tenho uma barreira de comunicação, o que eu não tenho, é um aluno fácil, porque eu vou ter “n” possibilidades de trabalhar com ele, entendeu.

P: E a T., ela é uma aluna autônoma ou não, e por que você acha? Quais são as características de um aluno autônomo? Poderia falar tanto dela quanto de outro aluno (...)

R: Ela tenta ser autônoma, né, mas ela ainda não é. O que seria um aluno autônomo pra mim, assim, no sentido mesmo da palavra de autonomia, de gerenciar a própria vida, de gerenciar os próprios estudos, de se organizar, ela ainda não conseguiu isso, mas ela está lutando muito por isso, é, ela tem aquela coisa de você colocar uma atividade e ela tentar fazer sozinha, ela luta por aquilo, mas ela vê que ela precisa de uma ajuda, então ela está sempre perto de mim, sempre perguntando alguma coisa, mas ela..., eu ainda não considero ela uma aluna autônoma, de conseguir: “Não, eu vou fazer isso”, ”Eu vou organizar dessa forma, e eu vou direcionar meu trabalho pra isso, e vai dar certo dessa maneira”, ela ainda não conseguiu isso, né, em termos realmente de organização, mas ela está lutando muito por isso, e se eu for colocar outros alunos como exemplo, eu acho que o aluno de quinto ano, acho que por ele estar na..., eu ainda falo, que ele está na pré-adolescência, ele ainda não consegue isso totalmente, então eu não posso dizer que todos os meus alunos..., não sei se nessa hora a gente se torna um

pouco mãezona, né, não sei se todos os meus alunos têm essa coisa de autonomia, eles fazem, eles se organizam, né, tem essa firmeza, mas ainda tem uma certa dependência de vir, de perguntar, tem um certo temor em relação a que passos vão dar, né, é eles pensam muito nas conseqüências, né, se aquilo vai ser bom, se ele está certo, é, quais as expectativas que eu tenho, né, como é que eu vou ver o que eles vão fazer, então, autonomia mesmo, dizer assim: "Não, eu vou fazer isso, eu acho certo", aí eu acho que não.

P: E quais são as estratégias que você usa no cotidiano da sala de aula, tanto para a T. quanto para os outros alunos, para promover essa autonomia?

R: A gente está trabalhando uma atividade agora, que a gente chama de líder de..., líder de grupo, né, eu achei muito interessante, porque nós estamos em recuperação paralela, que funciona por grupos, eles se dividem em três grupos: grupo A, grupo B, grupo C, por dificuldades, então para cada grupo, nós temos os líderes, e esses líderes, eles são móveis; vamos dizer, essa semana você pode ser o líder, mas na outra talvez você não seja e um outro seja, então você vai lutando para conseguir ser o líder, né, e pra você ser o líder, você tem que ter umas características, por exemplo, você tem que ter organizado o teu material, você tem que ter completado as atividades em tempo hábil, é, ter um comportamento "x" na sala de aula, então eu acho que isso, nesse momento, está trabalhando mais a autonomia deles, porque eles tão lutando pelo interesse pessoal, então eu quero começar, assim, esse trabalho de autonomia, pelo interesse pessoal, o que eu quero..., porque às vezes a gente começa com um discurso de: "Não, eu to te preparando pro futuro", "Eu to te preparando pra ser uma grande pessoa", "Vocês não querem ser advogados? Vocês não querem ser...", e a gente trabalha com uma realidade diferente, a gente trabalha numa escola pública, em que eu acho que você tem que começar do pequeno pro grande, pra eles entenderem que começando do espaço em que eles estão, se eles conseguirem administrar bem o espaço em que eles vivem, eles vão fazer isso a vida toda, e isso vai..., como se fosse em blocos, você vai encaixando até realmente você ser uma pessoa de sucesso, eu acho que é um pequeno passo pro sucesso, né, você ser organizado, e ter os seus objetivos e saber o que você quer, então a gente vai..., não é só um trabalho meu, é um trabalho das professoras de quinto ano também, né, que eu acho que está promovendo a autonomia nesse sentido.

P: Muito bom!, interessante. Você gostaria de dizer mais alguma coisa, tanto da aluna, quanto dos alunos em geral, do seu trabalho?

R: Eu acho, que sobre a T. eu queria falar alguma coisa. É a T., quando eu peguei ela no começo do ano, eu senti ela com um pouco de temor, né, ela tinha muitos temores, é, em relação a ser aluna. Ela gosta muito de matemática, é uma aluna ótima em matemática, mas tem dificuldade de colocar os seus pensamentos no papel, né, essa é a dificuldade dela, mas ela é..., o esforço que eu to vendo dela agora, está sendo muito satisfatório, então isso está dando uma motivação, não só para ela, como pra min também, é porque..., como eu falei, né, a comunicação é tudo, enquanto eu não tinha..., não entendia os problemas que ela estava passando e os meus outros alunos, né, eu sou nova na rede, é uma turma nova, é uma..., é uma aventura vou dizer assim; de conhecimento dos meus alunos, e ela era uma dificuldade. Ela tem até uma amiga chamada Carolina, que é uma pessoa que fica com ela o tempo todo, e que eu..., é, sempre disseram assim pra mim: "Ah, uma ajuda muito a outra", "Ah, elas ficam muito juntas e elas moram perto", só que na

sala de aula eu coloquei uma em cada ponta, pra que ninguém fosse bengala de ninguém, pra que elas pudessem andar com as próprias pernas, enfrentarem as próprias dificuldades, verem que tem os próprios erros. Porque uma é boa em português, a outra é boa em matemática, então ficou uma bengala de cada lado, então eu falei assim: “Não, vamos separar, uma em cada canto”, e cada um vai..., e eu vou trabalhar as dificuldades de cada uma, entendeu. Até em grupo..., nos grupos elas ficaram separadas, eu não quis deixar elas juntas. Seria uma comodidade, é, deixá-las juntas, porque elas..., uma ia ajudar a outra, e eu nunca ia ver realmente o que estava acontecendo, é uma capa e ia estar camuflado, mas separadas, foi mais fácil de ver, e eu acho que eu e a T., agente está tendo uma comunicação e está indo a diante, ela tem muita dificuldade ainda, mas eu acredito muito nela, e confio muito nela, sei que ela vai vencer.

P: Ah! Que ótimo! Muito obrigada professora R..

R: De nada, eu que agradeço.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
SUELY DE A. BATISTA DESSANDRE (PUC-RIO);

Professora: A

Escola Municipal Ayrton Senna

Aluna: T

(6)

P: Você considera a aluna T uma criança fácil, ou uma aluna fácil ou difícil? Por quê?

A: Fácil, tanto ela aceita de chegar a ela como ela se chega com muita facilidade ao professor, ela não era assim, ela era uma criança um pouco fechada, ela ficou retida no terceiro ano de escolaridade inclusive, ela teve uma melhora muito grande, mas a mãe pediu inclusive que ela ficasse, porque sentiu as dificuldades do irmão, que toda a família vem de toda uma dificuldade na aprendizagem e ela agora é uma ótima aluna, ela é uma aluna que se dá com todo mundo, ela conversa com todo mundo, ela pergunta, ela indaga, ela..., até ela é uma criança que assim ela..., busca muito saber o porquê de tudo, mas ela agora é bem solta, mas no começo pra se chegar foi..., que eu tenho esse meu lado assim, todo extrovertido, que eu grito, que eu brinco, que eu to sempre cantando, e eu não sei se foi isso, que ela era uma criança assim..., eu sentia ela um pouco fechada, sempre foi muito carinhosa meiga, mas ela se fechava um pouquinho, agora ela já ta bem mais solta, ela é uma outra criança. Não sei se foi até a retenção que fez com que ela tivesse uma base maior, também não sei se foi isso, mas ela agora é uma outra criança, totalmente assim autônoma, ela faz as coisas, ela não tem vergonha de responder, ela não tem vergonha de nada, ela coloca as coisas..., se ela erra ela mesmo ri: “Iiiii! Errei caramba!, olha só por causa de uma linha, não sei o que...”, ela é uma outra criança , ela ta bem mais solta, em tudo.

P: E você, considera ela uma aluna autônoma ou não?

A: Não ela é bem autônoma.

P: Quais seriam as características, que você considera na aluna autônoma?

A: Eu acho que a autonomia dela ta até no sentido de ela buscar, de ela querer saber o porquê de tudo, que tem aquela criança que você vê que faz as atividades, que até acerta, mas é uma criança que não gosta de mostrar o que sabe. Ela não, ela a todo momento ela gosta de mostrar o que sabe e o que não sabe, ela tem todo esse lado dela solto, e ela busca fazer ela mesma, às vezes até eu encontro assim, um pouco de resistência nela, pro trabalho em grupo, porque ela tem muito..., acho que a autonomia dela é tanta que ela quer mandar e nem todo mundo aceita, ela quer liderar, por ela sentir essa, essa..., ela ser solta nesse sentido, então às vezes eu encontro até um pouquinho de coisa nela no sentido do trabalho em grupo, mas eu trabalho..., to trabalhando muito isso nela, mas ela é totalmente autônoma, ela é uma criança que ela por ela mesmo e ajuda..., ela gosta de ajudar, mas ela não gosta que..., liderança em cima dela, ela tem que liderar.

P: E sobre..., não necessariamente..., especificamente a aluna T, mas até de um modo geral? Como seria as..., quais são as características ou as estratégias que você usa para promover a autonomia dentro de sala de aula?

A: Sempre buscando, é, chamando pela criança, que eu acho que isso é essencial, porque a criança às vezes, quando ela é muito calada, se você deixar o ano todo

ela fica no cantinho daquela sala, sabendo ou não sabendo, porque a criança quando não sabe, ela quer mostrar que sabe e ela engA a gente mesmo né, naquele de ficar caladinho e tudo, então estou sempre buscando pela criança, eu acho que o sentido da autonomia..., acho que... eu não sei se eu tiro por mim, que eu não era uma aluna autônoma, eu nunca fui, eu tinha medo de responder, eu tinha..., mas a educação antigamente era uma coisa mais rígida né, eu vim de colégios assim, muito tradicionais, então eu busco muito isso nos meus alunos, eu não consigo ver uma criança parada no canto da sala, sem..., mesmo eu sabendo que ela ta aprendendo, eu não consigo. Eu acho que a criança ela tem que começar a acordar, tem que ter um lado dela que busque, que pergunte, que indague, que esteja sempre interrogando alguma coisa pro professor, porque eu acho que através disso que o professor aprende, o professor não só ensina o professor aprende também muito da criança, e eu busco muito isso, eu acho que justamente porque eu não era uma aluna assim, eu era muito quieta..., eu acho que se o professor falasse o meu nome eu já achava que ele ia me dar uma bronca, entendeu, então eu busco muito isso no meu aluno.

P: Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre, tanto da T ou em questão de sala de aula de um modo em geral?

A: Não...,é, teve uma vez que eu falei assim, com a ex-professora dela, "A T está me surpreendendo", mas eu acho que a T não está me surpreendendo não, eu acho que ela sempre teve esse jeito, só tem que eu acho que alguma coisa mexeu com ela, o que é eu não sei, mas que ela teve uma mudança, que ela era assim muito, ela nela mesmo, entendeu, parecia que antes ela tava dentro de um ovinho e de repente aquele ovinho quebrou e ela saiu, achei muito legal isso dela, achei mesmo, a transformação muito grande. E ela já ta há dois anos comigo, eu trabalho com essa turma..., tem criança que já ta desde a primeira série comigo, primeira, segunda, terceira e quarta. Esse ano eles saem da escola, esse ano tem a formatura deles né, então ela foi uma das surpresas, da casquinha do ovo que ta arrebitando, pra enfrentar uma escola grande, pra enfrentar vários professores, ela realmente está se mostrando preparada agora, acho que o melhor mesmo pra ela naquele momento, foi ela continuar na mesma série e criar essa autonomia, que hoje em dia, ela tem tanto. Eu acho que foi o ponto pra ela.

P: Obrigada, professora A.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
SUELY DE A. BATISTA DESSANDRE (PUC-RIO);

Professora: S.

Escola Municipal Ayrton Senna

Aluno: M.V.

(7)

P: Você considera M.V. uma criança fácil ou difícil? Por quê?

S: Eu acho que é difícil determinar um único termo, tá? Acho que em todos os casos, eu não tenho um aluno que seja completamente difícil, nem outro que seja completamente fácil, seria impossível determinar isso, mas no caso do Marcus, o relacionamento dele comigo é muito tranquilo, ele é uma criança muito na dele, sem ..., ele não é o tipo que vai aparecer na sala, ele é muito quieto, mas ele é difícil no que se refere à aprendizagem. Ele tem problemas de escrita, que são problemas antigos, e muito difícil de conseguir resolver, porque já são vícios, né?, ele já faz isso há muito tempo, então para eu mudar agora, é difícil, sem dúvida alguma, mas eu acho que ele entre os amigos, diante da relação dele com os outros, ele é até muito tranquilo, pela relação que eles estabelecem, né. Então a princípio, você diria: Ele é um aluno fácil, né. Ele é fácil, mas não é. Não é, porque tenho caso de crianças que são declaradamente difíceis, mas que eu tenho maior acesso. Não é uma criança que eu tenha tanto acesso, que eu consiga chegar no ponto, nesse sentido ele é uma criança difícil.

P: E pra você? Quais são as características de uma criança difícil, ou fácil? Você pode comentar.

S: Eu acho que o difícil tá muito mais na gente do que neles, né. Tá muito mais em como eu consigo chegar na dificuldade dele. E o fácil é aquele que tá ali, tá nu, né, tá despido, e te diz claramente quais são as dificuldades. A gente tem um exemplo assim, de dizer as dificuldades do dia a dia: Tia, são essas, essas, essas e essas. Eu queria que ele fosse assim declaradamente, e ele não é, ele não é esse..., não tem esse perfil. Eu acho que é difícil porque ele é fechado, porque ele se mantém sozinho muitas vezes. Acho que nesse sentido,...E, o difícil e fácil na minha sala, eu tenho vários extremos. Eu tenho um caso de um aluno que saiu, que era completamente impossível estar com ele em sala, a ponto de eu fazer brincadeiras, cheguei ao ponto de eu fazer brincadeiras: “Vamos bater um recorde!, vamos lá!, vamos ver quanto tempo você consegue ficar em silêncio. Eu quero ver se você consegue 2 minutos”. E aí a turma foi abaixo, porque ele conseguiu 3 minutos, sabe?, umas coisas assim. Era uma criança hiper-ativa, com todos os sintomas de hiper-atividade, e tudo..., mas que contaminava o grupo. O Marcus é tipo que fala, que faz, mas quando eu digo: “M.V.!” (...) “Não, Tia, que é? não fiz nada!”, com aquela cara assim. “Não fiz nada!”, “Eu vi você fazendo...” “Eeeuuuu!!!”, é do tipo que se esquiva também, e aí é mais difícil de eu dar bronca também, porque ele jura de pé junto que não foi ele, mesmo que eu tenha visto que foi, é um caso engraçado.

P: E você, considera ele uma criança autônoma, um aluno autônomo, ou não? E pra você quais seriam as características de um aluno autônomo?

S: Eu não sei se autônomo é simplesmente fazer por si só, fazer sozinho. Eu tenho alunos que vão a todo momento em minha mesa e me perguntam, me questionam, e são muito mais autônomos do que outros que não se levantam da carteira. Então, são os que acabam mais rápido, são os que fazem com mais atenção, são os que tão aí pelas ruas e que tem muita relação com o dia a dia, e que conseguem se virar muito fácil. Eu acho que o Marcus não é autônomo, mas ele se acostumou a ter que fazer sozinho, ele tem o hábito, até por uma questão familiar, de não ter quem leia e quem ensine, em casa, ele tem que fazer por ele mesmo, então nesse sentido ele acabou desenvolvendo isso, ele faz sozinho, o que não quer dizer que esteja certo, o que não quer dizer que ele faça aquilo bem; eu acho que é muito mais uma solidão, nesse sentido de não ter..., de não tar acostumado de pedir ajuda, né, do que ser autônomo. Eu acho que não é..., não é..., é o que eu te disse, aparentemente ele é, ele fica na dele e faz. Agora não ta feito de maneira adequada, não prestou atenção, ta ali.

P: E quais seriam as estratégias que você usa pra promover a autonomia em sala de aula? Você pode dizer em modo geral ou específico a ele.

S: De um modo geral, ééé..., eu na verdade comecei a trabalhar com essa turma, que é uma turma complicada, que é uma turma que tem muita dificuldade em conteúdo, tá; e o Marcus é um dos casos graves dessa turma, no que se refere ao conteúdo, então eu descobri que eu tinha que criar hábito, então eles não tinham o hábito, por exemplo..., a gente usa um livro por três anos, mais ou menos, e eles copiavam o livro todo, né, pra poder fazer um exercício, que às vezes era pra responder sim ou não, mas copiava a questão inteira que era enorme, então tem que criar esse hábito de copiar, apenas a inscrição: “Número 1, letra A” e continuar, né. Nesse sentido eu criei uma nova fórmula, ali com eles, e aí eu confesso que eu me impus muito mais do que deixei eles livres, até porque são crianças agitadas, então eu lembro que..., um professor que fazia muito isso, ele dizia: “Primeiro você segura firme, depois você pode soltar o quanto você quiser, né, que aí a turma vai tranquila”. E é muito disso, e é muito isso o que eu faço, até eles entrarem no meu ritmo.

A gente tem muito trabalho, assim, que eu estimulo a fazer em dupla, então “Você vai tirar dúvida com o seu amigo, se ele não souber, aí você vem falar comigo”; então eles acabam me trocando, bastante neste sentido. Em atividades, por exemplo, de artes ou de recorte e colagem, que eu sinto que eles se soltam mais, eles se sentem mais livres e aí um trabalho de artes demora um dia inteiro, né; e aí você fala: “Como pode!”, mas é o tempo que eles precisam pra fazer aquilo, que eles se dedicam aquilo, então eu acho que essa autonomia ainda ta num caminho, né; e a sensação que eu tenho é que pra eu soltar todo mundo, eu tenho que dar uma diretriz, porque se não, vira bagunça. Teve um dia que foi uma situação engraçada com eles, que eu tive que atender o telefone, que era uma professora minha, que tava com problema sério, na faculdade, e eu tentando resolver, e acabei falando mais tempo do que eu devia no telefone, e quando eu voltei pra sala, estavam todos eles batendo na mesa, batendo papo e gritando: “Tia, eu te amo”, em ritmo, eu falei: “Mas nem é meu aniversário”, fiquei mexendo com eles, “Mas o que, que é isso?”, “O que, que é que está acontecendo aqui?”; aí eles..., aí teve um que falou assim: “Tia, obrigado Tia, muito obrigado, a gente fez bagunça pra caramba!”, aí eu contei pras meninas, elas mexeram comigo, falaram: “Também você não larga deles, não sei o que...”. Hoje eu já libero mais, eles já ficam mais, e tal..., mas eles ainda têm essa coisa, vão criar

hábito, que a preocupação é, eles estão no quinto ano, se Deus quiser, a maioria, no ano que vem, vai ta numa outra escola, vai ta numa escola maior, com uma estrutura diferente. Se eles não tiverem o mínimo de segurança, você não tem como solta, né.

E o Marcus é uma figura engraçada, porque, no dia eu não estava aqui na escola, e a gente teve um problema com dois alunos com -----de agressão, coisa que eu nunca tive com a minha turma, e eu falei pra eles que eu fiquei muito ofendida, porque foi num dia que eu não estava aqui, no dia da minha folga, a gente tem uma folga mensal e eu tirei, e eu falei: “Vocês acham que eu estava fazendo o quê? Estava dormindo? Não, eu tava estudando pra prova que eu tinha de noite”, e pensando: “Como é que eles estão?, será que eles estão separados?, será que eles estão juntos?”, “O que será que estão fazendo?”; e aí, me dá uma dessa, o que aconteceu foi que uma aluna disse que o Marcus deu um tapa no rosto dela e ela revidou, ela estava com uma tesoura na mão e jogou a tesoura, e aí o problema foi que a professora tava aqui em baixo fazendo uma maquete e a sala da gente é lá em cima, eles subiram e aconteceu lá em cima e ela não viu, então foi o que um disse, o que outro disse, o que o amigo falou, mas o fato foi a agressão, que aquilo me marcou “Esses meninos não são agressivos, o que aconteceu?”né, “O que foi que motivou isso?”, eu falei: “Olha, o Marcus não é doido de te dar um tapa no rosto sem você ter feito nada”, da mesma forma que você perdeu toda a sua razão quando você jogou uma tesoura, você podia ter machucado muito, e realmente feri-lo, ele tava de costas, mas é esse..., o que tá né envolvido nisso, aí você começa a reparar na relação dele com os outros alunos, então o Marcus é muito maior né, em geral ele é um menino grande pra idade dele, sempre foi maior, e ele é gordinho né, ele é gordinho mesmo, então: é baleia, é gorducho, é “Iiiii grande, grande fazendo isso!”, e ao mesmo tempo que isso mexe com ele, ele reage de uma maneira..., mas ele nunca reagiu agressivamente. Eu fiquei imaginando o que não foi dito para ele, pra ele reagir dessa forma, o quanto pode te mexido com ele e que aí é a coisa de você tenta descobrir e não conseguir, que no momento que eu fui fala com ele, aí ele foi o aluno difícil, ele não se abre nada, que dizer bem difícil, ele se fecha, e isso é uma coisa que eu percebo que mexe com ele, não é muito fácil você dizer: “Ah você é um gordo”, ainda mais pra uma criança com treze anos.

P: E é isso. Você tem mais alguma coisa a dizer?

S: Não..., não. Eu acho que o Marcus é um caso assim, que..., como muitos outros. Porque por ele ser muito quietinho é um caso que às vezes passa despercebido e eu achei interessante quando você me falou que ele foi indicado na última pesquisa, e eu fiquei tentando..., queria saber se ele foi fácil ou foi difícil, porque eu queria entender a visão ou como ele era, mas é uma criança quietinha, ele é na dele assim, então parece que os problemas desaparecem, a gente simplesmente: “Á ele é quietinho então ele tá bem”, e não é exatamente isso.

P: Está ótimo, obrigada professora S..

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIDA PELA MESTRANDA
SUELY DE A. BATISTA DESSANDRE (PUC-RIO);

Professora: I

Escola Municipal Ayrton Senna

Aluno: W

(8)

P: Você considera o W um aluno fácil ou difícil?

I: O W é um aluno fácil, porém com muita determinação, né. Quando se fala de autonomia, eu..., primeiro passo que eu..., meu ponto de partida com a turma é o dialogo, como eu sou, como eu gosto de trabalhar, é, eu falo..., eu deixo claro que eu sou paciente, mas tudo tem limite né, e quando agente..., assim, sai de determinados limites, tem algumas conseqüências, eu converso isso tudo com eles, então tem horas que eu não preciso nem cobrar determinadas coisas, que eles mesmos “Iiii professora, mas aí não ficou assim...”, então agora vai..., eles já entendem por esse lado. O W, por exemplo, é um aluno repetente, né, tem também a sala repetente, a rede municipal tem uma turma de reorientação para os alunos repetentes, e o W participa dessa turma, só que como ele é repetente, ele já tem tamanho acima da turma, que a gente sabe que isso tudo aí implica, é, mexe muito com o afetivo e com o emocional do aluno, então, é, no principio do ano ele não queria de jeito nenhum fazer parte dessa turma da reorientação, então eu chamei o W em particular e conversei com ele, que se fazia necessário que ele fizesse parte dessa turma, mas que ia depender dele, essa ida ou não; se ele desse conta do conteúdo da defasagem dele, eu não falei defasagem, não usei esse termo, mas que algumas coisas que ele ainda não pegou o ano passado que ele precisa pegar bem esse ano, pra caminhar bem, né, o ano seguinte, que ele ficaria direto comigo. Então o W começou todos os dias, quer dizer, eles não têm o hábito de exercício de casa e eu passo exercício de casa. Nada de dez questões, passo uma, duas questões no máximo, e ele começou a se comprometer, então fechei um compromisso assim, particular entre eu e ele, e ele começou a dar conta disso, mas agora o W é muito faltoso, muito, muito, por exemplo, tem quase uma semana que ele não vem à aula, entendeu, agora ele fez conta disso mesmo. E aí, conversando com as outras professoras, né, até da reorientação “Ahh, o W tem esse perfil”, ele não..., é assim..., era assim com “a” com “b” com “c”, ele não ta nem aí, mas comigo ele ta aí sim, ele ta responsável, fazendo as tarefas dele, mas tem esse lado da falta, aí agora também semana passada eu soube que ele ta com a mãe internada, então eu não sei, parece que perdeu..., não sei se foi o pai ou um parente muito próximo já tem um mês e pouco, e tá com a mãe internada, agora eu não sei...,mas já é o perfil dele ser faltoso, desde o início né, dos anos anteriores ele já tem esse perfil de faltoso, e agora tem..., eu acho que é um agravante pra ele esse..., ele já ta mudando a voz, ta com aquela voz grossa, ele é mais alto que eu, bem mais alto que eu, e isso muda porque minha turma é bem infantil ainda, bem infantil, to com aluno de sete, oito anos, nove, né, sete, oito, nove. Sete fez agora, fez oito agora no início, ele já ta com onze né, dez pra...,acho que ele já fez onze, o W já fez onze, fez onze, que ele fez parte dos aniversariantes do mês, no bimestre passado, acho que ele fez onze, quer dizer, e deve ser de família bem desenvolvida, né, porque ele está bem desenvolvido, né, inclusive até assim..., a discussão dele com um aluno, você percebe logo, eu to aqui em baixo às vezes eu ouço a voz dele, que é aquela voz já grossa, eu vejo que pra ele faz diferença,

agora, autonomia ele tem, tem bastante autonomia, e quando ele chegou e falou: “Professora eu não vou, eu não quero ir, eu sei fazer isso que você está dando aqui”, eu falei assim: “Então tudo bem. Se você sabe fazer, nós vamos fazer esse acordo, eu vou cobrar muito mais de você, né já falei, vou cobrar muito mais de você, porque isso aí foi uma fase que você já passou, e a gente está querendo retomar, para você não ficar de novo com dúvida nesse conteúdo né, em algumas questões”; “Não professora, pode deixar que eu sei, se eu to falando que eu sei...”; eu falei: “Então tudo bem”, e realmente ele cumpriu, o que ele combinou comigo, agora..., tirando as faltas né, porque faltando perde muito conteúdo, porque quando eles engrenam, por mais que você faça o planejamento segunda, terça, quarta, quinta, sexta; quando eles engrenam eles ficam naquela atividade dois, três dias, até acabar, porque já vem deles (...). Agora estamos com o projeto festa junina né, nossa festa junina é dia cinco, então eles trouxeram receitas, nós vamos fazer livrinho de receitas, nós vamos fazer: cantiga, desafio, cantando na sala de aula..., então eles se empolgam, né, eles se empolgam, é tem uma turminha..., tem ainda alguns..., uns quatro ou cinco né..., quatro ou cinco alunos que são dessa..., da turma de reorientação, aí algumas vezes da semana sai da sala, então precisa acelerar o..., hoje foi um caso, que eu estou com eles todos né, (...), então preciso trabalhar tudo. E de qualquer jeito eu faço atividades diversificadas, tem uns que já estão bem lá, produzem texto já, com todos aqueles, né, tudo no esquema, respeitando pontuação, parágrafo..., e outros não, outros caminhando, e outros ainda estão aprendendo a ler, então eu tenho assim..., minha turma pode ser dividida em quatro grupos, entendeu, que eu to..., tem uma que eu tô alfabetizando mesmo, que é uma aluna só; tem um aluno também que deu um insight esse ano, então é assim..., e é uma turma agitada também, grande né, são vinte e nove alunos, e é uma turma bem agitada, se você não tiver atividade a toda hora né, se não tiver aquela interação assim..., bem grande com eles, aí não flui, vira bagunça mesmo, bagunça, que eles botam a pé..., a sala de perna pro alto, sabe? Agora o W nesse sentido, comigo, tem autonomia, acho que ele é autônomo. E a minha autonomia com a turma eu acho que eu deixo..., quando eu chego, que eles vem..., eles mesmos já..., e eu sempre procuro fazer avaliação “Como foi o nosso dia hoje?. Produzimos?”, “Não”. “Não produzimos? Por quê? O que, que faltou?. A aula não foi boa?. Onde é que a professora precisa melhorar?”. “Ahh, ta enjoado, muito dever no quadro, dá mais um pouco de exercício mimeografado”. Só que eles também, assim..., vem com o lado da preguiça, né, de não copiar do quadro. Só que eu acho também que não é o copiar, né, é produzir, então, hoje mesmo eu to trabalhando com encarte de jornal também, de festa junina, né, produtos de festa junina, pra eles..., olhou, ou eles desenham ou eles recortam, aí formam frase, formam texto, né, porque por mais que a gente queira, né, a gente sabe que sala de aula é aquilo, mais agradável ficar assistindo televisão, filme, internet, né, informática; então a gente tem que se virar em sala de aula, pra fazer com que a aula fique mais agradável. Eu acho que a autonomia vai se construindo nesse sentido, né, de jogar pra eles a necessidade, a prioridade, e ver o lado lúdico, e tentar unir, né, e eles irem formando esse conceito também, quando eu cobro deles, aí eles já vem “É, a turma hoje não se comportou, acho que nós não vamos pra recreação”. “É eu acho que não”, aí já vem um e fala assim: “A mas será que se a gente se comportar daqui até a hora dá?”, aí eu falo: “Vamos avaliar”, aí eu jogo pra ele, aí..., nisso é assim: quinze, vinte minutos, aí fica aquele silêncio, ou um ou outro, aí quando um fala o outro: “Ahh! não vai dar tempo, senão não vamos”, tudo é negociável em sala de aula. E quando eu tiro mesmo, que tem

vezes que você tem que tirar mesmo, aí eu também deixo claro o porquê. “É professora...”, aí eu falei: “Então tá”, mas é no início da semana, é terça e quinta, né, que eles tem, então se não foi na terça vai na quinta, mas já aconteceu, de no início do ano, de não ir nem terça, nem quinta. Tirar mesmo, que eles façam até uma outra atividade mais light em sala, né, mas não sair da sala e eles irem percebendo o porquê, e construindo, eu acho que tem que ter essa troca e a compreensão do que , que ele tá fazendo, porque que ele não tá ganhando, porque que ele não tá indo, não é?; porque, que tá ganhando, “Ahh! hoje ó, vamos parar aqui, vamos fazer isso diferente”. “Ahh!, hoje nós produzimos, né, professora” ta vendo, eu acho que é assim, a percepção deles mesmos.

P: Essa recreação fora de sala..., é?

I: É a recreação dirigida.

P: Dirigida.

I: É, dirigida pelo professor.

P: Em geral, biblioteca ou...?

I: Não, é fora da biblioteca, porque já tem informática e sala de leitura dentro do currículo deles, quer dizer não é extra, dentro desse nosso horário mesmo, né, da carga horária, mas é uma atividade lúdica mesmo sem..., por exemplo, na quinta normalmente eles trazem bola, aí eu deixo livre, bola na quadra os meninos e as meninas jogando queimada, mas na terça-feira normalmente eles (...) mesmo trabalhar ou..., tem uma sala de dança ali, bota CD faz um relaxamento, às vezes eles querem uma história, aí uma história com fundo musical, alguma coisa assim diferente, mas na realidade a necessidade deles mesmo é de correr, aí quando eles estão muito agitados, às vezes terça e quinta é correndo mesmo, né, sem ser muito dirigida e quando eu faço dirigida com dez minutos antes eu deixo eles correrem antes de encerrar, né, e meus horários normalmente são antes de bater o sinal, na terça não, na terça é o terceiro horário, mas na quinta é antes de ir embora, então eu já deixo mais a vontade mesmo, um que já teve a semana inteira, né, só falta um dia para terminar a semana e outro é que eles já estão mais agitados, né, a concentração deles é assim mínima, você tem que rebolar para que eles se concentrem..., e conversa daqui, conversa dali, quando eles vêm mostrar o exercício “Não, tá bom, tá pronto, o que, que faltou aqui?”, “Iiii é, acho que olhei pro lado”, “Iiii é, não prestei atenção no quadro”. Hoje, né, junho, eu já consegui construir isso com eles, mas foi..., assim..., no início eu não apagava o caderno, falava pra prestar atenção, depois com o tempo eu falei: “Ó vou passando a borracha, né, to indo de carteira em carteira”, aí eles..., no início: “Iiii, o início de frase tá com letra maiúscula?”, “Iiii, deixei espaço no parágrafo?”, quando não deixou: “Iiii, não deixei professora”, eles já vêm falando que não deixaram, né, então ó, quando não é muita coisa eu peço para apagar, quando é muita coisa: “Não, no próximo eu vou prestar atenção”; se ficou muito fora do ar, né, tem uns que se desligam, se desligam totalmente, aí não, então vamos recomeçar, né. A turma é, uma turma assim, muito..., eles são agitados de um modo geral, tanto pra brincar, quanto pra brigar, quando brigam, brigam mesmo, sabe?, de se atracar, e eu ter que me meter no meio, mas é uma turma que produz. É uma turma que produz, embora né, essas defasagens assim bem distintas, né, um lendo, um só..., é um não lendo, outro só formando palavras, o outro frases, o outro já textos, né, já fazem textozinhos de quatro, cinco linhas, até mais, dependendo do tema, assim

quando..., né, eles tão mais..., aí quer dizer essa dificuldade, essa heterogeneidade muito grande, né, que te deixa assim, mais desgastada. E eles não sabem esperar. Chamou, quer ser atendido na hora.

P: E essa turma é de segunda série?

I: É, terceiro ano de escolaridade, que corresponde à segunda série. E no município é a turma que retêm, né, e o requisito básico é ler e escrever, claro que a gente faz sempre uma..., transversal, né, transversalidade, com ciência, história e geografia, normalmente a gente trabalha com projeto, né, englobando assim..., agora é festa junina e meio ambiente junto, então eu trabalho muito em cima de texto, né, eles trazem, a gente fala e comenta o que ouviu na rua, o que ouviu na televisão, a gente joga pra sala de aula e criando, sempre assim, produção de texto em cima dos temas, né, é a prioridade. E matemática também, básica né, adição, subtração, início da divisão e multiplicação, né, no segundo ano a gente vai até o seis mais ou menos..., por exemplo, eles já estão indo até o nove, mas que eu peço mesmo, né, cobro até quatro por enquanto, três, quatro. Eu fico meio descabelada..., meio descabelada, assim..., meio ansiosa, porque dá essa ansiedade, é muita responsabilidade na mão do professor, reter ou não reter esse aluno, né, é...por exemplo, tem essa aluna que não lia o ano passado todo, no início do ano e que agora já ta lendo, já ta fazendo nome, né...veio e só fazia ondinha, igual pré-escola, lá na educação infantil...Dá um pavor quando você pega a turma no início do ano que você vê essa diversidade de saberes, né, cada um com o seu...eu tenho uma também...e sem contar com o imprevisto que acontece durante o ano, por exemplo, tem um aluno...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
SUELY DE A. BATISTA DESSANDRE (PUC-RIO)

Professora: E.

Ciep 450

Aluno: W.

(09)

P: O que você acha do aluno W.? Ele é um aluno fácil ou difícil?

E: Olha, eu não acho o W um aluno difícil (...) familiares, entendeu?, só que comigo, ele não me dá problemas; ele tem sim, certa dificuldade, que a gente vai procurar, superá-la, né? Isto é o que eu estou fazendo, procurando superá-las. Eu não acho ele um menino difícil, tem alguns probleminhas, porque isso aí, não vai ser eu que vou tirar, né?. Porque eu procuro alertar, de vez em quando ele ta com o dedinho na boca, pra mim, quando eu chamo: “W.”, ele já sabe que quando eu chamo..., ele já percebeu; já notei isso, que ele percebeu, sabe? Então agora eu nem chamo mais, agora eu olho pra ele assim e ele vai tirando o dedinho da boca. Ele já percebeu que eu dou uma tarefa pra ele fazer, na hora que ele está com a mão na boca. Mas eu não acho ele difícil, o que a gente trabalha em sala, ele está sempre fazendo, tá sempre..., ele se comunica bem com a turma, com os colegas, sabe?...eu não acho ele difícil.

P: E quais seriam as características de um aluno difícil, pra você? Independente dele.

E: Um aluno difícil, pra mim, é aquele que não para pra te ouvir, entendeu?, aquele que não quer te ouvir, é aquele bastante agitado, que você tem que estar sempre dando atividade a ele, sempre, sempre, né? Aí, você tomar conta de 30 alunos, fica um pouco difícil trabalhar um tipo de aluno assim. Acho que pra mim na realidade isso nem é problema, entendeu? eu acho que nem seja difícil porque a gente consegue..., com turma pequena a gente consegue trabalhar um tipo desse aluno, agora com turma grande é que fica mais difícil, porque eu não acho que seja o aluno difícil, eu acho que não exista aluno difícil, entendeu?...acho que não existe.

P: E o W., ele é um aluno autônomo ou não? E por quê? Você pode me dizer, na sua opinião, quais são as características de um aluno autônomo?

E: Eu acho um aluno autônomo, aquele que faz e não depende tanto da professora, ele chega pra você e conversa, ele mostra o que fez, isso eu acho que seja autonomia, sabe? E o W. ainda não é muito autônomo, ele ainda é muito grudado em mim. Por mais que eu queira desvencilhar, mas ele ainda é assim, tem muito..., é como eu te disse, eu acho que é muito da família, porque ele é muito..., ele praticamente, ele tem a chave de casa, mas ele não usa, entendeu?, então eu acho que ainda é...se ele não fizer, apanha em casa...e eu acho que isso faz com que ele não seja muito autônomo. Mas, por exemplo..., nas atividades que a gente faz em sala de aula ele faz tranquilo, faz tranquilo e (...), sabe? Então eu não acho ele totalmente dependente, é aquele negócio, eu não acho ele totalmente dependente, eu gostaria um pouquinho mais...mas ele não é totalmente dependente.

P: E você acha quais são as características de um aluno autônomo? Tanto no caso dele, como você declarou, mas no geral, qual seria?

E: Do aluno autônomo..., eu acho que um aluno autônomo é aquele..., deixa eu pensar um pouquinho, o aluno autônomo é aquele que..., quando você sabe..., que sabe seguir regras, entendeu?...Tem que saber seguir regras, e ao mesmo tempo ele tem que saber o certo e o errado pra fazer as coisas que a gente manda, sempre procurando vê se tá certo ou errado, porque a gente vê tem aluno que faz e tá pouco ligando, não? Eu não sei, eu acho a família tão importante na vida dessa criança, que eu acho que eles poderiam ser melhores, se a família contribuísse e nos ajudasse. Então pra mim o aluno autônomo é isso, é aquele que ele tem a liberdade de fazer, mas sabendo que está fazendo certo ou errado. Ele tem que fazer, tem que ter a visão que ele tem que fazer sozinho, mas tem que saber se é certo ou errado.

P: Você já disse alguma coisa sobre o que você faz em sala de aula, quais são as suas estratégias em relação à promoção da autonomia em sala de aula, você pode dizer mais alguma coisa que você faz tanto em relação ao aluno W., quanto no geral dos alunos.

E: Que é que eu faço? Pra dar autonomia? Olha eu sou..., por exemplo, hoje, eu dei uma liberdade tremenda a eles porque eu notei que ontem eles estavam programando um piquenique, estavam arrecadando dinheirinho de cada um, pra poder comprar, fazer o piquenique hoje...,isso pra mim é excelente, pois eu acho que eles estão se socializando, isso pra mim eu acho importantíssimo, até pro meu trabalho isso é muito bom. Aí hoje eu notei que eles trouxeram (...), eles são muito infantis, né? (...) e viraram pra mim, isso é autonomia, ter a liberdade que eles tem com a professora, de conversar com a professora, sabe?. “Tia você consegue copos pra nós?” Eles sabem que nós temos na cantina, né? eu acho que o aluno que você não dá liberdade, não chega perto de você pra te pedir uma coisa assim, entendeu, aí eu fui e procurei copo e dei a eles. Falei pra eles: Cuidado com o comportamento de vocês lá embaixo. Aí eles foram tranquilo, não tive uma queixa se quer deles, nada. Desceu, no meu horário de aula...quer dizer, eu quis ver como eles iam se comportar, entendeu? eu acho que isso é uma autonomia que eu dei a eles, é uma liberdade que eu dei e que eu quis ver a prova, então da mesma forma que eu cedi, eles também me contribuíram, né, eles contribuíram, então eles foram no meu horário de aula que eles estariam comigo, eu não descí com eles, eles ficaram lá embaixo, fizeram o piquenique deles, depois eu descí, que eu marquei uma hora com eles, fui lá e busquei, tranquilo, não teve problema, entendeu? Aí dois alunos, quando eu cheguei, não estavam em forma, que eu marquei tal hora, “Tal hora eu vou buscar vocês”, fui buscá-los, e os alunos não estavam na sala, não estavam na forma, eu subi, depois vieram correndo pra sala, “Por que vocês não subiram?”, “Eu estava recolhendo os papéis pra fazer o piquenique”, então eu não posso castigar um aluno desse, sabe, porque se eu der ordem, “Eu quero encontrá-los na fila, na forma quando chegar” e esses dois alunos não estavam, mas eles estavam fazendo (...) do piquenique, então eu não posso castigá-los, entendeu, então eu acho que é uma liberdade que eu dou e eles percebem, e eles me dão a troca, entendeu, é isso aí.

P: Você tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

E: Não, o que, que você quer me perguntar mais, aí, que eu possa te ajudar.

P: Eu acho que você já disse o bastante, obrigada professora E..

E: De nada, obrigada você. Estou a sua disposição.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
Suely de Almeida Batista Dessandre

Professora: J

CIEP 251

Aluno: R

(10)

P: É..., J, pra você R pode ser considerado uma criança fácil ou difícil? **Jo:** Eu acho ele fácil, o fato de lidar não só o professor mas com as outras crianças da turma, né, ele se adapta muito bem ao ambiente da escola, em termos das atividades, ele é bem..., ele sabe, pega as coisas muito rápido, então..., é isso aí.

P: E ele está em que série?

Jo: Ele está na segunda.

P: Na segunda série?

Jo: Na segunda série.

P: E pela idade ele está: dentro, fora da idade, atrasado.... Como é que é?

Jo: Olha, eu não tenho direito aqui comigo a idade dele, eu tenho que pegar uma ficha, um laudo, uma avaliação pra saber a idade dele direitinho, mas pelo conteúdo, pelas coisas, né, que eu tenho dado, que eu dei a ele..., ele progrediu bastante.

P: E pra você o que é uma criança fácil ou difícil? Se você quiser dizer algumas características, você pode dizer.

Jo: Uma criança fácil?...Fácil do quê? de, de... aprender,,,

P: Pode dizer em geral, você pode dizer fácil de um jeito ou de outro, da maneira como você pensar. Ou difícil.

Jo: Olha, eu acho que em relação ao R, uma criança fácil, tá, pra aprender, puxar bastante pra uma criança, que ele vai fundo, entendeu, não vejo assim como difícil não, entendeu?

P: Continuando. Pra você quais são as características de uma criança difícil? Pode dizer no geral o que você considera.

Jo: No geral, uma criança difícil?..., é aquela criança que você apresenta, né, os conteúdos, e ela não pega, né, tem aquela dificuldade de pegar, é..., difícil também quando a criança me falta muito..., fica difícil de aprender, porque a falta também prejudica, né, mas você trabalhando ali juntinho..., eu não vejo assim..., tão difícil assim, não é..., essa palavra não..., não acredito nisso muito, entendeu, porque eu acho que você está ali junto com a criança, mesmo aquela criança que seja difícil de aprender, ela consegue, eu acredito no potencial das crianças, entendeu, porque tem momento que dá aquele estalo e ela avança, entendeu, essa coisa assim de difícil...eu acho não tem criança, assim, difícil. Eu acho que o começo da criança, né, a coisa nova é difícil, mas você vai trabalhando, você vai dando..., ela vai se chegando mais, vai tendo mais liberdade e quando vê, ela já avançou, entendeu?

P: E no caso do R você me disse que ele falta muito?

Jo: Falta. Falta muito

P: E ele está..., como que ele está nos estudos?

Jo: Olha, ele poderia estar bem melhor. Se ele tivesse vindo, né, freqüentando as aulas, ele estaria bem melhor.

P: Ele..., você considera R uma criança autônoma? Você pode me dizer o que você acha, se ele é ou não autônomo.

Jo: Não, eu não acho não.

P: Pra você, quais são as características de uma criança autônoma?

Jo: É..., eu tinha uma coisa aqui na minha cabeça, mas acabei esquecendo, é tanta coisa...você pode me dar um exemplo, mais ou menos?

P: É você pode me dizer sobre..., o objetivo da Educação em geral é a autonomia do aluno, não é? Porque..., pra ele se tornar..., um adulto, né, deve colocar ter autonomia na vida.

Jo: Não, não acho que..., o R não. Não é o caso dele.

P: E pra você, quais seriam as características de um aluno autônomo?

Jo: ...

P: Ele seria, é..., mais independente...?

Jo: Eu acho que isso, eu acho que é a criança que depende mais, né, que depende mais dali do professor. Eu acho que no caso de R não, não acontece isso.

P: Ele seria mais autônomo do que os outros?

Jo: Hum, hum.

P: E quais são as estratégias que você usa, em sala de aula, pra promover a autonomia do aluno?

Jo: Olha, é..., eu trabalho muito com conversas, né, rodinha, né, (...) pergunto como foi, a noite passada, dia, antes de vim, né, pra escola, o que que eles fizeram?, é..., o quê que eles trouxeram de novo pra escola, que às vezes eles trazem uma coisa, uma novidade e aí eu começo a trabalhar com eles, em cima do que eles trazem, entendeu, eu começo a trabalhar.

P: E você tem alguns exemplos de atividades que você promove dentro..., mais ou menos da autonomia, dentro de sala de aula? Além disso?

Jo: Eu trabalho com pesquisas, (...) é, entre outras coisas, conforme eles vão trazendo, a gente vai trabalhando, entendeu. Com historinhas também...

P: O estudo das ciências também é por projetos?

Jo: Hum hum.

P: Como funciona esse projeto? Você pode me dizer alguma coisa disso.

Jo: Eu agora vou estar trabalhando, é..., a germinação da plantinha, então eu vou estar trazendo..., tem uma experiênciazinha com alpiste, né, aí coloca numa vasilha, né, vai molhando ali, né, e aquele alpiste cresce uma plantinha, né, e eu vou tá fazendo isso com eles, que é uma coisa que muitos nunca viram, acham que alpiste é um alimento do passarinho, né, e às vezes os pais devem ter, tio, avô, deve ter algum passarinho que come esse tipo de alimento, mas eles..., acho que nunca viram aquilo crescer, né, aquela plantinha..., virar uma plantinha, né, e eu

vou estar fazendo isso com eles, entendeu, que eu tenho certeza que eles não viram isso ainda, viram assim, o alimento, isso né, mas não sabem que isso aí pode virar uma planta, eu acho que vai ser uma maravilha pra eles. Pro R também.

P: Então está ótimo. Você tem mais alguma coisa pra me dizer? Sobre o R, sobre o seu trabalho...

Jo: Eu acho que não. Olha pelo o que eu fiquei sabendo, né, o R..., acho que ele não mora com a mãe dele, eu acho que ele só mora com o pai, e ele tem problema também com o pai dele, que eu acho..., assim, me contaram que o pai dele é alcoólatra, né, então isso também influi na vida da criança, entendeu? De repente seja por isso também, uma forma de ele não vir, né, na escola, às vezes, por vergonha..., de repente alguém saber, um coleguinha deve morar perto e vê as coisas que devem acontecer, né? E seria bom que ele tivesse vindo porque eu poderia estar conversando com ele até mesmo sobre isso, estimular ele a vir, dizer que as pessoas gostam dele, a professora também, a direção..., pena que ele não tá vindo, mas eu vou estar em busca dele nestas férias, entendeu? Nestes quinze dias, eu vou estar indo ao lar dele, que eu sei aonde ele mora, né, direitinho..., e eu vou estar lá, vou conversar com o pai dele, tentar resgatar, trazer ele pra escola, porque não é bom que uma criança fique fora de sala de aula, entendeu, mesmo que esteja passando por esse problema, que eu acho que..., qualquer..., muitas crianças passam por isso, por ter pais separados e às vezes ou a mãe ou o pai alcoólatra, isso acontece..., é o que mais a gente vê por aí, entendeu? Mas às vezes eles não tem, assim, uma pessoa que possa dar amor, carinho, que eles precisam, às vezes eles precisam conversar, entendeu, colocar pra fora o que está sentindo...e fica aquilo preso porque não tem com quem se abrir, e eu quero ser essa pessoa, entendeu? E poder ajudar ele..., não só ele, mas qualquer uma outra criança que estiver precisando de ajuda, nesse sentido e em outros também, né, porque nós professores estamos aqui pra isso, pra ajudar uns aos outros.

P: É verdade... Parabéns pelo seu trabalho.

Jo: Obrigada.

P: E muito obrigada pela entrevista.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA

Suely de Almeida Batista Dessandre

Professora: J.

Escola Municipal Infante

Aluno: M.

(16)

P: Na sua opinião M. é uma aluna fácil ou difícil? Por quê? E quais são as características de uma criança fácil ou difícil pra você?

J: Bem, eu não acho ela difícil não. Não sei se é por causa da minha maneira de lidar com eles, eu não..., é, eu sou muito aberta e trato muito com..., com carinho, eu digo pra eles, que eles são meus filhos, a partir do momento que entrar..., pisar dentro da sala de aula esquece mãe lá fora, somos uma família e dentro de uma família tem que ter liberdade pra trocas e participação mútua, então eu trabalho muito assim..., até as meninas aqui criticam, que eu deixo a bolsa aberta, dentro de sala, desarrumada, escancarada..., Mas eu passo muito pra eles assim: “Se nós somos uma família, nós temos que conviver igual casa, com tudo direitinho, não pode acontecer nada de errado”. Até a partir do momento que some alguma coisa eu digo: “Tem que aparecer, porque não tem perna, não tem asa, não anda nem voa, não saiu pela janela porque não saiu voando, não saiu pela porta porque não caminha”, aconteceu de perder, o colega pegou, esqueceu de entregar..., entendeu, eu não gosto de tá culpando “Ah! Professor...”, não. Eu passo muito assim, pra eles começarem a ter autonomia e, no sentido de responsabilidade com as coisas dele, então, a partir desse momento eu não acho M. uma criança difícil não, eu acho assim, ela não é fácil, não é aquela criança maleável, tem hora que ela é rebelde, dissimuladazinha..., mas aí eu continuo insistindo, não sou de dar castigo, dificilmente eu vou adotar esse castigo, eu brigo, mas eu gosto de conversar e fazer a criança entender o quanto é importante aquilo pra ela naquele momento, eu digo pra eles que um dia que eles perdem na vida deles, nunca mais eles têm chance de recuperar, que o amanhã não vai ser igual ao de hoje, ou se eles não aprenderem isso hoje, amanhã eles podem aprender, mas eles deixaram de aprender hoje, que amanhã eles poderiam tá aprendendo coisas novas, entendeu, então eu tenho mania de colocar muito na cabeça deles a autoestima, a força de vontade de eles se interessarem, de eles crescerem, de eles procurarem por eles mesmos, para aprender a caminhar sozinhos. Porque na vida, eles não vão depender de outras pessoas a vida inteira, entendeu, então eu tenho paciência de tá deixando, ficando sem o recreio, pra terminar, sabe, também é de mim não..., eu não gosto de dar errado..., eu gosto de fazer a criança lê, e ela descobrir o erro, apagar e consertar, sabe, então o pai uma vez falou: “Ah, professora eu não vejo quase correção”, que a correção é feita por eles. Eu não sou de ficar sentada na mesa, eu sou de rodar a sala inteira. “Tá errado, presta atenção”, “Olha lá, vê o que, que está faltando aqui”. E eu não falo o que, que está faltando, eu faço ele, ver por ele mesmo, onde ele errou, o que que fez de errado, entendeu, porque eu acho que não adianta você dar o errado, entendeu? Então a M., ela teve um crescimento muito bom agora no segundo semestre, parou de faltar, porque ela era faltosa, quase não vinha, entendeu, tá ficando mais assim..., assídua, mais interessada, mais caprichosa, mais participativa, você sente..., até as notas dela melhorou, ela deu pulo de alegria que tirou..., parece que um nove, pulou de felicidade, nem ela acreditou, pra você ver como que é a criança, nem ela acreditou que ela poderia conseguir aquilo que ela conseguiu, entendeu? Eu dei

quatro atividades, duas de matemática, duas de português, dei uma mais fácil e outra mais difícil, pra ver, assim, como eles iam se sair, uma com bastante diversidade, outra com menos, mas umas coisas assim..., mais puxada: conta por dois Algarismos, divisão, multiplicação, expressões, coisas mais..., e graças a Deus ela conseguiu não ter, assim, grandes dificuldades, até me surpreendeu, né, então eu tô achando assim, que o crescimento, está sendo muito bom, espero que continue daqui pra frente. Eu não acho ela difícil, eu acho que ela é problemática da família, do que vem, eu acho que você tem que ter muita paciência, saber conversar, saber entender os problemas deles, e tentar fazer uma troca, tentar eles esquecerem o mundo deles lá de fora, voltando pra dentro da sala de aula, que assim, se eles trouxerem o problema de casa pra sala de aula e você não souber dosar isso, fica muito difícil pra cabeça deles, entendeu, então eu procuro de vez “Ah, não tem livro pra ler”, “Vê à vizinha se tem uma revista, se tem um jornal, ou se passa o lixo, se a vizinha for botar o jornal fora, pede a ela, se ela pode te dar, entendeu? Eu, por exemplo, quando eu trago a revista pra vocês, eu não compro, porque eu não tenho tempo pra ler essas revistas de fofoca de novela. É a minha vizinha lá que não trabalha, ela lê essas revistas..., então a tia pede a ela, eu trago pra vocês, pra vocês lerem, estarem por dentro do que vai acontecer na novela, o que que aconteceu com a vida do artista, entendeu, que é meio, um recurso de levar eles despertar gosto pela leitura. E eu digo pra eles: “O que, que aconteceu lá na casa de vocês? Tentem fazer um diálogo da vida de vocês, desde a hora que acordou até a hora que vai dormir, tenta relatar, se esqueceu hoje amanhã relata, que vocês vão ver que o hoje se vocês botarem desse tamanhinho, amanhã vocês vão ver como é que tá, no final de uma semana vocês já tão com um livro”, entendeu, aí eu mando eles lerem em sala de aula, mando eles fazerem pesquisa no posto de saúde, saber o que que os médicos acham sobre a dengue, o que eles devem fazer, entendeu? Porque, às vezes, dá aquele ponto todo, entra por aqui e sai por ali, e através de uma coisa assim, eles vão perceber, entendeu? Tem uns que gostam muito, ah... então anota tudo o que aconteceu na televisão hoje, anota no caderno, depois traz pra contar pra gente, entendeu, aí eu gosto de trabalhar muito assim. Eu acho que ela obteve um crescimento muito grande e espero que ela vá em frente, porque acaba te surpreendendo, sabe, e o comportamento com isso eu acho que tá melhorando, ela é fácil de a gente lidar, não é, porque tem criança que não aceita, você conversar, você...

P: Para você uma criança difícil seria como? Assim..., fala mais ou menos o que você está dizendo, só que sobre as características.

J: Eu acho..., essa Tainã que me chamou, essa Tainã, ela é pequenininha, mas ela é muito difícil, que ela é..., você dá conselho, você conversa, você..., daqui a dois minutos ela está dando bofetada no grandão, e ela é um cotoquinho, mas ela enfrenta os grandes, ela está xingando, ela está desafiando, entendeu, então eu acho difícil, penso assim, que eu..., tem horas que eu fico assim: “Meu Deus, como que eu vou tentar melhorar essa garota? É uma criança, meu Deus”, eu tenho que tentar fazer alguma coisa por ela, porque e quando crescer mais um pouco?, pode levar..., eu falei pra mãe dela: “Mãe, pelo amor de Deus, tira essa menina da rua, coloca ela em alguma coisa numa atividade em casa, porque a outra tem boca e não fala, são duas irmãs na sala de aula. Ela é terrível, ela enfrenta os da oitava série, quando vê tem crianças da oitava, da quinta, da sexta, batendo na minha porta pra tirar satisfações com ela, o problema é lá fora, na favela, então..., entendeu, e ela..., e ela não aceita. Ela não aceita, e ela ainda tenta

fazer intriga de mim com a mãe dela, quando vem..., ela sai daqui e daqui a pouco vem a mãe, aí eu: “O quê, que houve? O quê, que aconteceu?”, quem vai falar é ela, não sou eu não, ela vai contar tudo o que aconteceu, eu boto eles pra falar, entendeu, eu não gosto de estar falando pra mãe o que se passou, eu gosto de chamar o filho, e colocar o filho pra falar tudo o que ele fez na sala de aula, entendeu, porque o que eu falar, pode ser outra coisa que..., então quando você bota ele pra falar, eu acho que ele: “Huum, se eu falar mentira, a professora vai dizer (...) tem todo mundo de testemunha.” E se eles omitirem a verdade eu chamo a turma inteira pra provar o que eles fizeram, tá entendendo? Ah, eu gosto de trabalhar muito assim, pra tentar levantar..., entendeu, tentar melhorar e mostrar pra eles que, apesar de eles serem pobres, eles podem vencer, eles podem ser alguém. Não é porque vive na favela, porque tem problemáticas em casa, porque tem problemática na comunidade, que não pode melhorar, todo mundo tem uma chance na vida, só depende do querer, né, e o querer é ação, tem que fazer ir procurando, e se eles começarem a caminhar com esse sentido na cabeça, agora desde pequeno, botar o querer na frente: ”Porque eu vou querer, eu vou conseguir, eu vou ser alguém.”, eles vão conseguir sim, se eles botarem desde agora.” “Eu vou ser veterinário, eu vou ser médico.”, eles têm que começar a se interessar desde agora, por ler sobre animais, ler sobre médicos, essas matérias, então, procura ler sobre criança, saber do médico, conversar com o médico. Aí eu falo assim pra eles, entendeu, porque eu digo pra eles: “Não deixa pra decidir quando tiver mais longe não, começa de agora, que aí vocês já vão determinados naquilo que vocês vão querer na vida de vocês”. Então eu não acho a M. difícil, porque ela aceita você falar, depois ela vem e te dá um beijinho, te respeita, entendeu, “Ah, eu posso (...)” “É difícil, mas daqui a pouco aquilo encaixa na cabeça dela, entendeu?”

P: E no caso ela seria uma aluna autônoma ou não? Pra você quais seriam as características de uma aluna autônoma?

J: Autônoma pra mim, eu encaro como aquela criança que deslancha, vai fazendo sem a interferência do professor o tempo todo, a M. está se tornando autônoma, porque ela já está conseguindo resolver os problemas que aparecem sozinha, sem a minha interferência, entendeu. Tanto nesse dia da avaliação, ela disse: “Professora, a senhora sabe que eu que fiquei explicando pra Bruno e pra Rosana”, agora vê a importância, pra ela, que teve, que os outros colegas que ela acha que são melhores do que ela, precisaram dela, e ela conseguiu ajudá-los, eu acho isso muito importante entre eles, eu gosto de trabalhar muito em grupos, e eu gosto de selecionar um grupo, não um grupo de amizades, mas grupo de um melhor, outro pior, porque aquele melhor vai ajudar aquele pior, entendeu, e não tem isso, porque eu não me dou com você eu não posso sentar nesse grupo, eu digo que não tem que ter isso na sala de aula. Na sala de aula nós somos uma família, e uma família ninguém vive brigado com ninguém, todos tem que respeitar os direitos dos outros e viver em comunhão, entendeu, eu acho que ela tá indo muito bem, espero que ela não me decepcione, que daqui pra frente ela continue só crescendo, entendeu, e eu to com essa esperança devido às notas dela nesse bimestre, que no semestre passado ela foi muito fraquinha, quase não deu pra avaliá-la, porque não tinha caderno, todo destrambelhado, tudo desorganizado, faltava mais do que vinha, entendeu, e agora ela já está melhorando muito mesmo, teve...

P: E na sua opinião..., no seu modo de ver, como você faz em sala de aula?..., quais são as suas estratégias pra promover a autonomia tanto da M. quanto dos outros alunos? Você já disse algumas coisas...

J: É, eu procuro tirar deles a timidez. Eu digo pra eles que assim como eu leio praticamente todos os dias pra eles, trago uma novidade, uma revista, um jornal, um livro, eles também têm que trazer pra turma, e eu seleciono quem vai no quadro, eu não gosto de trabalhar com representante do dia, eu procuro todos me ajudarem: "Você leva essa caneta pra Fulano, o outro leva apagador pra fulano, o outro me ajuda com a arrumação do armário", então eu gosto que todos colaborem, não tem que "Você hoje que é responsável por tudo", não, eu coloco..., eu procuro colocar no quadro..., que eu faço a correção no quadro, eles fazem sozinho, eu explico, ajudo, depois eu coloco no quadro pra eles fazerem, aí eu chamo: "Fulano, vem cá"..., se tiver dúvida eu ajudo, não gosto que venha com o caderno, eles tem que resolver sem o caderno no quadro, pra mim ver se eles estão entendendo, se eles já aprenderam, qual a dúvida que tá havendo, entendeu, e eu acho que com isso eles vão ficando desinibidos. Eu gosto de trabalhar muito com recorte e colagem, eu nunca dou..., eu dou muito desenho, mas meus desenhos nunca são livres, são tudo direcionado à alguma coisa, esse palhaço, aí eu boto: "Esse palhacinho é seu grande amigo, vocês dois juntos saíram por aí aprontando mil piruetas, conte pra professora o que que vocês aprontaram e quem é esse palhaço". Aí eles dão nome, eles inventam, entendeu, aí depois eles vão lá pra frente ler, entendeu, então aquele que fez pouco, que não teve idéia, já vai observando a idéia do outro e vai aprimorando, vai aumentando, entendeu, eu acho que isso vai aumentando o vocabulário deles, vai aumentando a mente..., eu gosto de trabalhar muito assim..., listagem..., listagem de tipos de mingais, aí eles..., cada um vai colocando, depois cada um fala os mingais que colocaram, nós relacionamos no quadro, e depois eu mando eles copiarem o que eles não colocaram, e com isso vai crescendo..., não sei se é um método de eu trabalhar ou o modo de eu trabalhar, que eu dou uma dinamização muito grande na turma, entendeu, todos se tornam participativos, todos colaboram, todos ajudam, eles fazem trabalho..., é que agora a escola está pintada, mas a minha turma entre toda escola é a turma que mais fazem trabalho, e agora já está acontecendo de eles comprarem uma cartolina e fazer, trazer pra sala de aula, que antes não faziam. Já estão se interessando em trazer pra sala de aula. Ela já fez um trabalho em casa, sobre festa junina e trouxe para sala de aula, entendeu, porque aqui eu trago as revistas e eles montam em sala de aula, aí eles ficam "Professora...", "Pode. Quem quiser pode fazer em casa. Entrevista a vó, entrevista uma pessoa mais velha, pergunta como que eram as festas antigamente, escreva, traga pra sala de aula, pra ver o que que elas vão contar, entendeu, então sai muita coisa assim..., entendeu? Então eu acho que essa diversidade de trabalho que eu faço, eu acho que ajuda muito, ao desempenho da turma, ao desenvolvimento, a eles se auto afirmarem, eles sentirem que eles são capazes de fazer coisas bonitas, coisas diferentes. Eu montei um jornal, aí cada grupo ficou responsável por uma página do jornal. Um ficou responsável sobre economia, o outro ficou responsável sobre esporte, o outro sobre culinária, aí cada um montou uma folha da cartolina e depois nós montamos o jornal inteiro, entendeu? Então eles vão criando hábitos diferentes, né? E eu acho que isso faz com que eles cresçam, enfim, eu gosto de trabalhar dessa forma, eu não gosto de ser tradicional, eu gosto de inventar, é brincadeiras dentro de sala de aula..., eu gosto de brincar, um vai pra fora aí eu seleciono um aluno, que fica na berlinda, aí o que vem tem que descobrir..., tem três chances pra

acertar quem é que está na berlinda, entendeu, aí tem uns que são esperto, começam logo matando: “É homem ou é mulher?”, aí ele já vai saber..., ”É claro ou escuro?”, aí já vai direto naqueles..., mas tem uns que ficam: “Tem cabelo grande, tem cabelo curto?”; “Tá de óculos, tá sem óculos?”; aí fica toda a vida, entendeu, aí com isso você vai percebendo aquelas crianças que tem mais rapidez no raciocínio, aqueles que são mais devagar, entendeu? E eu acho que isso vai desenvolvendo. Eu gosto de trabalhar muito com palavras cruzadas, caça-palavras, essas coisas assim. Dentro da matéria eu vou criando, vou diversificando, eu não gosto de trabalhar muito só com texto, perguntas..., não. Eu gosto de trabalhar muito com essas coisas. Esses dias eu deu um texto, uma redação, “Vida de sacola”. Aí a sacola falava sobre a vida dela, quem era ela, o quê que ela gostava, o quê que ela não gostava. Aí depois eu botei uma outra sacola e botei dez perguntas, aí “Essa sacola são vocês, quem são vocês?, que tipo de sacola que você é?, o quê que você faz?, aonde você gosta de ir, aonde você não gosta de ir?, o quê que você gosta de carregar?”, entendeu pra eles responderem e montar uma história, entendeu.

Eu não sei se é devido a minha forma de trabalhar, até as crianças mais fracas estão obtendo crescimento, entendeu..., até teve unzinho aqui de manhã: “Professora, professora! Vim buscar minha prova”, eu disse: ”Sua prova”, “É, ah, porque eu to indo pro curso agora, vou fazer um curso nas férias”. Tem doze anos, maior do que eu. (...) vem uma vez na vida outra na morte, entendeu? Mas, quando vem..., tem dia que eu peço a Deus que nem venha, porque ele..., você falou alguma coisa (...) todo mundo tem que bater, aquele tumulto, aquela confusão, entendeu, aí... Mas ele já ta começando a melhorar, entendeu, fez a prova, conseguiu tirar mais de cinco, ficou super feliz, aí eu disse a ele: “Só que você precisa não faltar, se você não faltasse tanto, você poderia ser bem melhor”, entendeu, aí eu procuro..., “Não tem problema não, só em agosto, tá tudo fechado lá em cima, não posso pegar agora não”, “Então, tchau, tchau!”, “Volta aqui!, tem que me dar um beijo e um abraço, porque eu só vou te ver em agosto”, aí ele voltou (...) Vou tentando cativar, que essas crianças são muito carentes, eu acho que...esse problemão da mãe de M., gente! Tem hora que eu tô, assim, com dor de cabeça, eu tentando modificar a menina e a mãe me apronta uma dessa. O pior que uns caras daí já falaram que...que...vão decepar a mão, vão cortar o dedo de quem pegou, porque não podem fazer isso dentro da escola, tem que respeitar a escola. Já pensou se acontece uma coisa dessa?

P: Meu Deus!, triste, né, e aí o celular não apareceu?

J: Ela veio trazer.

P: Ah, ela veio! E você acabou descobrindo que foi ela mesmo.

J: Ela veio trazer, ainda pediu vinte cinco...,vinte reais, que ela pagou vinte e cinco e não ia perder não.

P: Meu Deus!

J: Agora, vê? Ainda teve a cara-de-pau de vim trazer.

J: Entendeu, eu procuro trabalhar muito em cima deles, assim, os pais..., que é muito difícil, mas eu procuro, conversar..., chamar e conversar, pedir pra colocar em outros lugares na parte da tarde, pras crianças terem uma assistência, não ficar solto na rua, entendeu, porque solto aqui só aprende besteira, meu Deus! Em todo

lugar. É o que eu digo pra eles: “O que eu quero pra vo..., pros filhos de vocês, é o que eu quero pros meus filhos”, nenhuma criança, nenhum adolescente, nenhum adulto é diferente do outro. Na minha turma à noite..., ontem mesmo a diretora daqui da (...). Ela falou: “J., como é que você lida com aquele personagem que vem aqui quase todo dia pedir vaga pra filho?” (...) É birutinho, birutinho...e eu não tenho só ele não. Eu tenho um que debruça e fica paquerando a professora do outro prédio. Eu tenho outro que pra fazer uma conta, bota os pés em cima da mesa pra contar nos dedos dos pés e os dedos da....(risos)

P: Já adulto?

J: Adulto já, da minha turma da noite. Eu tenho um velhinho de setenta e cinco anos que é pastor. Ele assina, faz tudo, sabe ler, sabe escrever, mas é pastor, e te dá uma bronca! Porque ele quer que você fica o tempo todo do lado dele dando assistência individual a ele, mas já modificou completamente, já está começando a ler, já esta começando a escrever, tá uma beleza, no início ele só fazia ondinha, mas hoje está..., sabe, então acho que é o modo de eu lidar. E as pessoas falam: ”J. eu não acreditei quando eu conversei com o seu Sebastião, tá calminho”. E eu disse “Tá”, porque ele começou a demonstrar rebeldia e eu brigava com ele: “Não tem só o senhor na sala. Eu não sou individual, eu sou de todos, eu tenho que atender os outros e o senhor espere. Se precisar de minha ajuda levanta o dedo”. E ele começou a melhorar, entendeu, então eu acho que é por aí que a gente tem que desenvolver, e se você trabalhar assim, eles..., eu acho que a parte de redação eles vão colocando muitos problemas deles, ali no papel, na fala, ao contar uma história, às vezes você percebe que eles não tão falando do personagem, tão falando deles, entendeu? E a noite é a mesma coisa, esse velhinho falou que quando ele era pequeno, quando ele aprontava, o pai dele pegava ele pelos pés e ia contra o coqueiro até tirar sangue, “Pan, Pan” (...) A turma arregalou os olhos assim na sala, aí depois começaram a encarar ele. Porque ele não parava de falar, ele se empolgou...não queria deixar ninguém falar, só ele que queria falar, contar tudo, uma vez a avó dele foi socorrer ele e ele deu um soco no olho da avó, o olho da avó ficou roxo, entendeu? Daí você tira o adulto que é, né, eu não sei..., eu acho que assim..., eu acho que eu tô obtendo um crescimento muito grande, em relação a turma, pelo o que eu tô ouvindo..., aqui. Eles daqui de dentro falarem, da direção mesmo, até ontem ela me convidou pra assumir uma turma de jardim à tarde, eu disse a ela: “Não posso me comprometer, porque eu faço trabalho dentro do Getulinho, pedagogia hospitalar. E tá retornando o projeto, agora em agosto e eu não troco aquilo por nada desse mundo. Porque além de você estar trabalhando, assim, com as crianças, com os pais, com...é um trabalho prazeroso, você tá ajudando, entendeu? Aí eu falei pra ela eu não posso assumir esse compromisso com você à tarde, porque eu tô aguardando o hospital e eu tenho fé em Deus que agora em agosto vai começar de novo, porque aquilo era gritante...mãe quebrando vidro de janela pra retalhar a outra. Uma coisa assim, uma loucura. As crianças tendo alta e dois dias depois voltando ao hospital. E o trabalho, com esse trabalho dentro do hospital, menina!, as crianças têm alta rapidinho, melhora..., as mães melhoram, que elas desabafam, elas falam dos problemas, se distraem com você ali junto com os filhos, entendeu? São quatro horas que passam voando, entendeu, então é um trabalho gostoso diferente e eu gosto de trabalhar dessa forma. E essa turma minha é muito problemática que eu tenho. Crianças de quatorze anos com crianças de nove a oito anos, entendeu? Eu tenho um que outro dia...eu nunca na minha vida ouvi tanta coisa como ouvi naquele dia, meia tantan, a G., a menina

ela tava aqui..., os alunos tavam escutando na fechadura da porta, os outros escutando do lado de fora, ela começou a falar barbaridades. Que ela dá por dinheiro, quem quiser vai poder ter prazer com ela. É uma menina de doze anos...Eu acho sinceramente..., não sei se vocês nesse projeto pode ajudar a gente em alguma coisa. Eu acho que a educação, hoje, pelo o que o país está atravessando..., a problemática não é..., é geral, né, o desemprego, esse negócio de violência, entendeu?

P: Isso, pra só não dizer que é geral, é até mundial, né; parece uma crise moral, ou alguma coisa desse tipo.

J: Eu acho que a educação tinha que ter um apoio de uma psicóloga na escola, que nós estamos muito desamparados. Professor hoje em dia tem que ser pai, tem que ser mãe, tem que ser psicóloga, tem que ser tudo, e às vezes você não..., depara com essas..., esse dia eu fiquei louca, fui conversar com ela, eu mandava ela ficar quieta: “Cláudia, pelo amor...; Cláudia, você é uma moça, isso não é uma coisa de moça”, e ela não conseguia se controlar, ela não conseguia, entendeu, então e os menores que estão nessa sala ouvindo aquilo, que não tem ainda coisa pra esse lado. Não fica complicado?

Sei lá eu acho que tem..., tinha que ter. Quando eu comecei na educação tinha, eu lembro que a psicóloga pegava as crianças problemáticas, dava atendimento semanal, uma vez por semana, tinha aquela hora que a criança ia para ali e ela dava aquele respaldo, e ajudava a gente em como fazer pra desenvolver um trabalho em sala de aula pra essas coisas não acontecerem...; que nem esse Fernando, eu falo com a mãe, sabe o que a mãe me fala? “Ah, professora, nós estamos passando por um problema muito sério, da separação minha e do meu marido” E porque que isso tem a ver com o garoto vir uma vez por mês, duas vezes no mês. Será que ela não acordou que ela está prejudicando o filho dela? Porque o filho dela só tem doze anos, cresceu mas só tem doze anos, gente, ele é criança na cabeça. É igual à M., de tanto eu conversar, de tanto eu falar, a M. já está se transformando, entendeu? Ela já está conseguindo escutar, coisa que ela não fazia antes. Ela está aprendendo a ouvir, e o ouvir eu acho muito importante na vida de um ser humano, não é? Não sei, eu acho que você tem que ouvir muito, pra poder você captar as coisas boas e saber fazer a diferença, né? (...)

P: Muito bom, parabéns pelo seu trabalho, eu não sei se você tem mais algo a dizer?...

J: Não, só gostaria se você pudesse..., tivesse alguma..., alguma coisa que você gostasse de passar, gostasse de se expressar comigo...

TRANSCRIÇÃO REALIZADA PELA MESTRANDA
SUELY DE A. BATISTA DESSANDRE
PROFESSOR V
ESCOLA MUNICIPAL INFANTE DOM HENRIQUE
ALUNAS: G e L
(17) e (18)

P: Você considera a G. uma aluna fácil ou difícil?

V: Bom, esse conceito de fácil e difícil é bastante subjetivo, ainda mais quando você fala de uma escola, né, que é uma escola peculiar. Por quê? Porque é uma escola que está numa comunidade fechada, ela é uma escola que recebe alunos especificamente de uma comunidade, onde os moradores desta comunidade estão constantemente sob a influência do medo imposto principalmente pelo tráfico de drogas e pela violência característica disso, né? E essas crianças elas podem ser fáceis esse ano ou podem ser fáceis esse mês e no mês que vem por alguma questão caracteristicamente social, né, elas poderiam apresentar uma dificuldade entre aspas, né, que poderia ser anormal. Eu trabalho nesta escola há 5 anos, eu já vi de tudo aqui...eu já vi alunos que eram fáceis virarem difíceis por questões sazonais, né, de momento, eu já vi crianças difíceis virarem fáceis...o fato é que, especificamente estas alunas são pré-adolescentes que estão por natureza estão numa fase de transição, né, onde elas hoje não apresentam dificuldades e aí seriam fáceis, mas amanhã por alguma questão ou biológica ou psicológica ou social elas poderiam, por exemplo, houve um tiroteio na comunidade, elas chegam no outro dia por não ter dormido, por estar sob o efeito ainda da violência, uma violência aí que eu chamaria material porque ela viveu isso, ela vem pra cá e vira difícil. Mas em termos, se eu for falar em termos gerais eu consideraria tanto a G. quanto a L. que são da mesma turma, alunas, por serem normais, levando em consideração a média, fáceis, porque elas fazem as atividades solicitadas pelo professor elas, é...ficam às vezes chateadas com as cobranças pelo professor, com as intervenções do professor. Até porque a escola é uma escola que por estar nessa comunidade, elas sofre um pouco o fato da questão de que eles não sabem a idéia de autoridade, eles não têm muito a idéia do que é ordem, do que é educação...por quê? Porque eles não têm isso em casa. E quando chega aqui na escola, né, as coisas variam muito de professor para professor, ela teria ...sabe perfeitamente muito bem que agora é aula do professor "x". Agora é aula do professor V. E eles podem ser difíceis na aula do professor "x" e podem ser fáceis na aula do professor V, como eles podem ser difíceis na aula do professor V, você está entendendo? Apesar deles serem adolescentes, pré-adolescentes,...eles entendem o que é ordem, no sentido assim de imposição porque eles conhecem a ordem do tráfico, como por exemplo, não pode ter amizade com pessoas do outro lado, do outro comando, isso eles sabem...mas se eles puderem, por exemplo chegar aqui e perceberem que podem subverter a ordem, eles subvertem. Agora, se o professor chega e impõe, eles entendem...ficam chateados, revoltados às vezes, porque é uma revolta intrínseca, né, a eles porque eles vivem constantemente sob o efeito do medo. Agora eu diria, especificamente que essas duas alunas, elas são fáceis pedagogicamente falando, porque elas não têm muitas dificuldades em entender o que é trabalhado, elas têm uma resposta até boa às propostas, né, que eu apresento, fazem as atividades...elas conversam, elas têm assim, elas estão muito juntas, elas são muito unidas, então elas conversam muito e a minha intervenção

com elas é especificamente com relação a isso e mais nada. Elas gostam de conversar durante a aula. Mas, eu entendo até que por serem colegas, talvez até amigas, elas gostam de fazer isso, mas não vejo nenhuma outra dificuldade com relação a essas alunas.

P: *Você considera a Greice uma aluna autônoma? Por que?*

V: A autonomia do meu aluno, né, é uma preocupação constante minha, né? Eu trabalho pra que eles...claro que isso é dos professores de 3º. e 4º. ciclos, né...a gente não tem muito tempo para estar com os alunos porque a gente entra numa sala depois já está em outra. É diferente do professor, por exemplo, de 1ª. a 4ª. Série, de 1º. e 2º. ciclos, porque eles têm muito mais tempo com os alunos. A gente entra e já tem que sair. Então o tempo tem que ser otimizado. Então o tempo todo a gente precisa mostrar pra eles que eles não tem mais só uma professora ou um professor. Agora ele vai ter que ser, vai ter que administrar não só as coisas, como a vida, de uma forma diferente como ele administrava. Porque ele tinha mais tempo...agora não, ele vai ter um número maior de pessoas cobrando dele. E eu procuro trabalhar com o meu aluno exatamente isso de dar condições a ele de poder responder às expectativas de todos os professores. Pra isso...no caso, por exemplo, a Greice...a Greice é uma das alunas que tem assim respondido bem a isso porque ela tem procurado mostrar o que ela é, com os problemas e as dificuldades dela...E ela é uma aluna por exemplo, que quando tem dúvida pergunta...ela questiona...E eu trabalho, desenvolvo um projeto chamado projeto entrevista em que eu procuro trabalhar exatamente a capacidade do aluno de fazer perguntas a partir do que está sendo ensinado...porque quem sabe fazer perguntas, fica mais fácil de saber as respostas, né?...então, a Greice, como a Lidiane, são alunas assim que têm feito essas perguntas...têm entendido bem essa idéia. Então eu posso considerar que elas são alunas que estão nesse processo bem de resposta bem interessante a essa autonomia que você sabe não vai acabar agora. Nenhum aluno fica autônomo de um ano pro outro, ele vai construindo a sua autonomia. Quer dizer, eu imagino que ele quando chegar no 9º. ano de escolaridade, ela está na 6ª. no caso agora, no 6º. ano, ela vai se continuar nesse processo, ela vai ser um aluno com capacidade de buscar o conhecimento sozinho, de inquirir não só o professor, quanto à própria realidade, a própria vida, quanto às perguntas que ela quer fazer, né, quanto às respostas que ela espera, né, é isso que eu tenho trabalhado. Eu poderia passar logo para a segunda pergunta que você pergunta que estratégias eu usaria, né, para promover essa autonomia. Bom, o meu projeto é esse, autonomia dos meus alunos...até porque uma das falhas que eu apontaria na minha formação toda, principalmente de 1º. e 2º. graus é que os meus professores não promoveram em mim a autonomia, eles nunca se preocuparam...pelo menos...eu terminei o 2º. grau não autônomo, eu não sabia como buscar o conhecimento...a vida é que me ensinou isso, uma questão puramente pessoal...Então eu entendo que eu devo ajudar os meus alunos a encontrar essa autonomia...não só autonomia como aluno, mas como uma pessoa, como ser humano, como cidadão...que é essa a minha idéia...eu trabalho a cidadania o tempo todo...a capacidade que você tem de ser justo, de poder ser justo e injusto, a capacidade e a possibilidade que você tem de fazer escolhas o tempo todo...a possibilidade que você tem de ser livre, exercer a sua liberdade com responsabilidade...não ser livre pra poder fazer o que quiser, mas ser livre pra poder fazer o que você julga ser certo. E eu procuro trabalhar isso, trabalhando

com textos, em um segundo nível de interpretação de textos...primeiro eu trabalho com a questão da compreensão que é só pra eles tirarem as informações dali. Depois disso, eu trabalho a individualidade dele...e pra você, e na sua opinião? Pra que a partir daí eles comecem...porque é importante ter uma opinião...e até mesmo na própria gerencia da turma eu procuro sempre discutir com eles o que é justo e o que não é justo, o que tá certo e o que não está errado, por exemplo, quais seriam os comportamentos em sala de aula. Será que o professor dá um prazo muito curto numa atividade. Será que, por exemplo, tratar um aluno de um jeito e tratar um outro de outro jeito...então, essas coisas eu não procuro só ensinar teoricamente, procuro viver isso, eu procuro mostrar pra eles que esse padrão que se espera é um padrão prático, então eu procuro ao mesmo tempo em que eu trabalho com eles interpretação de textos pra que eles tenham a opinião deles, eu fico o tempo todo mostrando pra eles como é importante isso...ai eu promovo debates em que eu trago questões e peço a opinião deles e mostro pra eles o seguinte...que para as perguntas não existe só uma resposta certa, não é?...que mesmo que eu não concorde com aquela opinião deles, é uma opinião que pode ser aceita...e não só como antigamente que os professores me perguntavam assim...o que o autor quis dizer...eu ficava pensando, meu Deus...esse cara já morreu, como é que eu posso saber o que ele quis dizer...e tentar mostrar pra eles, que não é mais o que ele quis dizer...mas o que ele disse, como ele disse e aí eu vou fazer a minha leitura a partir do ele disse e não com o que ele quis dizer, até porque seria impossível saber, né, a menos que ele estivesse vivo e eu pudesse perguntar a ele. Então eu tento mostrar a eles isso,né, é claro que é um processo...eu hoje estou trabalhando com eles, né, quatro meses, vai chegar na conta de talvez mais 5 meses de trabalho efetivo com eles...e é só um ano...talvez eu espere nos próximos anos e talvez eles vão chegar lá no 9º. ano e ainda vão faltar muitas coisas...que é um processo continuo...eles vão para o segundo grau, no segundo grau isso vai ser continuado, mas eu quero dizer que é uma preocupação constante minha, tanto nas minhas propostas de interpretação de textos, quanto na minha relação com eles...até mesmo questão como é...eu procuro construir na sala de aula, é...quais as questões que eu considero importantes, como comportamento, julgamento escolar o julgamento escolar, não sou eu só que defino quais os critérios, eu defino com eles, estabeleço com eles, pergunto...quais seriam os critérios para julgar alguém? Seria só por exemplo a prova final no final do semestre ou seria só comportamento, seria só a participação, seria as atividades em aula, as atividades pra casa, a soma disso tudo. Eu acredito que eu trabalhando assim eu estou ajudando a construir a autonomia deles eu acho que autonomia se constrói junto professor e aluno, comunidade, família, escola e não apenas o professor vai construir a autonomia do aluno ou o aluno sozinho. Porque nós não somos uma geração espontânea, né...a gente é uma série de coisas que a gente vive, que a gente aprende, que a gente sabe...que a gente vai vivendo...

P: *Muito obrigado Professor V...*

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
 Suely de A. Batista Dessandre
 Professora: F.P.
 Escola Municipal Portugal Neves

Aluno: D.

(19)

P: O aluno D., pra você, é um aluno fácil ou difícil?

F: Olha só, primeiro eu vou te falar o que que eu considero ser um aluno fácil ou difícil, ou uma pessoa fácil ou difícil, né, porque é..., eu não considero o aluno difícil quando ele tem dificuldade de aprendizagem, eu considero uma pessoa difícil quando ela tem distorção de comportamento, né, ela não fica sentada, ela responde ao professor, ela é indisciplinada, então pra mim isso é uma pessoa difícil. Agora na aprendizagem, eles têm ritmos diferentes, e isso não é uma dificuldade, não caracterizo isso como ser uma criança difícil ou fácil, isso é um desafio para o professor, né, e aí a gente tem que saber qual é a linha melhor de trabalho para aquele aluno, tentar fazer com que ele desperte o interesse pra aula, de repente, dar alguma atividade diferenciada pra ele, pra que ele chegue até o ritmo da turma, ou se não chegar e ao longo do tempo fazer com que ele dê o melhor dele, porque o melhor dele, às vezes, não é o melhor do outro, né, a gente não trabalha com uma turma homogênea, não existe isso, né, então, eu considero assim, dificuldade na aprendizagem eu não acho que seja, sabe, o nó da questão, aí. Eu acho que o pior é aquela criança indisciplinada, que vem isso de casa, xinga a mãe em casa, xinga o pai em casa, né, não respeita nem..., ela vai chegar na escola e vai fazer o quê?...vai xingar o professor, não vai respeitar, não vai ficar sentado, eu não to falando nem daquelas crianças de (...) não, que tem problema de hiper-atividade, não é nada disso não, eu to falando daquelas crianças indisciplinadas mesmo, que não conhecem regra nenhuma de comportamento, isso pra mim é a dificuldade do aluno, de trabalhar com o aluno.

Agora o D. é uma criança..., se eu não considero isso como dificuldade, eu não acho que o D. é uma criança difícil, quer dizer, eu tenho certeza que ele não é uma criança difícil. Ele tem um ritmo diferente das outras crianças que estão na quarta série, né, porque essa quarta série é uma quarta série em que a professora anterior trabalhou muito conteúdo, então eles assim, em gramática, eles rapidinho..., agora pra... (toca o telefone). Só um minuto. (atende ao telefone)

P: Então, continuamos.

F: Então eu estava falando do D., né, eu acho que o D. não é uma criança com dificuldade, até porque não se enquadra dentro do que eu falei, ele não tem distorção de comportamento, ele é uma criança que atende, educada, né, mas o D. tem, assim, o ritmo muito diferente da quarta série que eu trabalho hoje, né. A produção do texto dele..., não é em conteúdo, mas é o ritmo dele, ele é mais lento, entendeu, não é que ele tenha mais dificuldade para aprender..., dificuldade entre aspas né, tenha mais assim..., não é que ele tenha mais problemas para aprender não, ele..., o raciocínio dele é mais lento, né, mas isso eu acho que é questão de a gente estar estimulando, né, é uma criança que eu..., que eu... , ele senta lá atrás por opção, mas quando eu trabalho com produção de texto, que eu sei que é uma coisa que pode ser de escolha dele o tema, e por isso é mais prazerosa e ele pode não entender, eu ponho ele mais próximo de mim, né, então isso também está ajudando com que ele desperte, pra ele ser uma criança mais, né, mais rápida na

produção de texto, em raciocínio, eu vou fazendo esse..., tipo estimulando ele dessa forma, né, quando eu passo exercícios de gramática, eu vejo qual é a dificuldade da turma em gramática, e eu boto a dificuldade no quadro, exatamente como eles têm, aí sempre tem um que sabe e fala: “Ieee, professora, isso assim, assim..., tá errado”, aí quem tem a dificuldade fala: “Ieee, é mesmo, como é que é?”, entendeu, e ele já está entrando nesse esquema, antes não entrava, ficava lá atrás quietinho, porque era uma criança que estava mais...tímido. Agora ele já: “Ah, deixa eu ir”, eu vou e deixo, vou fazendo sempre assim, entendeu, que ele vá aparecendo no tempo dele. Agora não tem criança..., assim, tem criança com dificuldade que eu considero no comportamento, entendeu?

P: E D. seria autônomo ou não? De sua opinião.

F: Olha, só, agora, até o meio do ano, eu não tenho nenhuma criança que eu possa dizer assim: “Ele é autônomo”, entendeu, que eu dê o exercício, e que ele vá embora no exercício, assim, ou que eu chame na sala de aula, dê um tema, né, e quando eu retorno em sala de aula, ele sozinho..., não tenho. A gente está fazendo um jornal na sala com textos diferenciados, então todo texto, teve a parte geral que foi texto informativo, teve a parte de ciência e saúde que foi receita de casca com..., de banana, pra fazer, é, parece bolo, casca de abacaxi, pra fazer suco, e teve as receitas caseiras medicinais, pra remédios. Agora eu não cheguei na sala e falei: “Vocês vão fazer uma receita...”, e eles..., entendeu? Eu tive que intermediar nisso, eu tive..., então eu não tenho nenhum..., não é o D., né, mas sim um processo, né, agora até o final do ano eu espero que eles já estejam mais soltos, até porque em casa eles não são totalmente autônomos, né, essa questão de autonomia vem também com a idade, né, vem de casa, vir sozinho pra escola, a criança que vem sozinho pra escola, ele aqui..., ele fica mais rápido autônomo, que o outro que a mãe trás sempre, né, eu vejo pela minha casa, meu filho é assim, meu filho vai de Van para a escola, não deixo ir sozinho, e o meu sobrinho é menor que ele, meu filho tem doze, meu sobrinho tem dez, já vai sozinho pro inglês e tal..., e eu vejo que ele é mais despachado, mas isso é questão de criação, né, a minha irmã ela já deixa mais, eu sou uma mãe mais assim..., né, que..., então eu acho que se..., a gente vai, né, vai dosando, vai dosando, e com o tempo. Não tem totalmente autônomo, não tem criança nenhuma, não é o D..

P: Claro. E o que seria assim..., quais são as estratégias que você usa em sala de aula, pra promover autonomia, tanto do D. como dos outros alunos?

F: Tipo assim, eles tem muita...,eu quando eu cheguei, eles tinham muita mania de falar assim: “Professora esse dever do livro...”, porque o livro, ele não é consumido, o livro deles, porque passa pro outro ano, né, pro outro aluno, então eles têm que copiar pro caderno, quando eu cheguei eles copiavam tudo, explicação, exemplo, até...,tudo! e aí eu comecei a tirar isso, eu falei: “Pessoal, vocês tem que ler e ver o que de fato precisa ser copiado pro caderno, que são os exercícios, as explicações ficam no livro. Eu quero os exercícios..., tem que botar página do exercício...”, tem horas que eles ficam assim: “Professora, isso aqui é pra copiar no caderno ou não?”, aí eu falo assim: “Olha, você volta pra carteira, lê e decide, em cima das informações que eu te dei, você decide se é pra copiar ou não, depois volta pra eu ver”, entendeu, então ele lê, vê se é, dentro dos critérios que eu dei, né, se é explicação, se não é..., se não for explicação ele não vai botar no caderno, né, mas aí é o que eu te digo: “Por que, que não é totalmente autônomo?”, porque ele volta pra que eu veja, entendeu, ele não faz e guenta as

consequências e vai embora, tipo a gente, né, ele volta pra que eu veja, e geralmente volta..., assim: "Não entendi professora", e aí vai tê que volta..., "Mas vai entender, senta e leia", "Lê com calma", eu vou fazendo assim, entendeu, até pra ele ir adquirindo confiança nele, a mesma coisa com o jornal que a gente fez, "Esse aqui é um texto informativo?", "Leia, lê de novo. O que você me diz? Tá trazendo alguma informação de...", Não, e esse aí, tá te dizendo alguma coisa? A gente foi trabalhar poesia, foi à mesma coisa, com rima, sem rima..., "O que , que você acha?", né, então é assim que eu vou fazendo com eles, alguns jogos que a gente promovia autonomia, que eu não participo, entendeu, eu tô fazendo assim, mas é dentro dos exercícios nas atividades..., sempre dosando, né, porque eu sei que totalmente eles não..., ainda não criaram..., tão criando asa ainda. Ainda não voam, não.

P: É, com certeza. É..., você quer dizer mais alguma coisa?

F: Não. Olha o que eu queria dizer é, assim, que eu não vejo o D., assim, eu sei que ele foi avaliado por uma outra vez, mas eu não vejo o D. uma criança com dificuldade, não sei o que a outra professora também considera, né, eu não sei, mas dentro do que eu considero ser, ele não é, entendeu. Ele é uma criança com ritmo diferente, que também não o impossibilita de estar na quarta série que também não vai, é..., fazer com que ele seja retido na quarta série, né, é uma criança que me responde bem, dentro de um ritmo diferente, e que eu procuro ta..., não sei o futuro dele, se ele vai ser sempre assim, né, ele de repente, vai dar um clique aí na cabecinha dele, que ele vai ser até mais que os outros, ou então o jeitinho dele...Antigamente me contavam uma piada...até hoje, me contam uma piada e eu vou rir cinco minutos depois que todo mundo já riu, não é? Então, cada um é cada um, e é isso, não tem...

P: Tá ótimo! Muito obrigada professora F.P..

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA
Suely de Almeida Batista Dessandre

Professora: B

Pestalozzi

Aluno: J

(020)

P: Pra você, o aluno J, é um aluno fácil ou difícil, é uma criança fácil ou difícil?

B: Eu diria que o J, ele tem até dois momentos, né, um fácil e um difícil. O fácil..., por ser fácil de lidar, né, apesar de você fa..., é, como eu vou dizer..., já fugiu a palavra, mas eu falo com ele e ele obedecer, né, fácil de lidar também, é..., aqui dentro da sala, na matéria, né, só que ele tem uns momentos difíceis pela síndrome que tem, e que não está alcançando a leitura, né, por ser um aluno que tem uma letra muito boa, copia muito bem, memoriza..., grava muito fácil, daqui a pouco esquece, esse memoriza, grava..., porque como ele não sabe ler, ele faz de tudo para gravar ele próprio, e depois sai da sala e não faz mais nada. É assim: “Já estudei”, J, mas eu vejo que é o tempo dele, no tempo dele, de aprender.

P: E quais são as características, assim, de uma criança fácil ou difícil? Você pode até me dizer independente do J mesmo.

B: Fácil ou difícil? Fácil, deixa eu ver..., que seja fácil de lidar, é..., o que eu passo pra ele, né, assim, conceito, matérias e jogos, tem vontade de fazê-lo, né, ou de fazer algo pra mim lá na secretaria, aí já é uma questão de autonomia, né, de ajuda também, ao professor.

Difícil?, vamos ver..., difícil: ele tem um lado, assim, difícil, que ele encontra em relação ao parquinho, que ele gosta muito da capoeira, e acaba, assim..., brincando de capoeira e joga aquela luta, aí briga com os colegas. Outro momento difícil..., ri por qualquer coisa, né, o J. E difícil da questão, assim, da leitura, né, que eu venho buscando, como trabalhar, né, com ele e, assim, os resultados, em questão da leitura, né, ainda não está sendo, assim, alcançado como deveria ser, em questão de ele estar ainda aprendendo a ler.

P: E no caso do J, ele seria um aluno autônomo ou não? Quer dizer, você pode dizer como seria pra você uma definição de um aluno autônomo.

B: Ele é autônomo em questões pessoais de..., por exemplo, escovar os dentes, né, se eu pedir aqui, em qualquer setor, ou em qualquer sala, buscar qualquer professora ou dar recado, ele faz; mas com coisas que aconteceram durante a escola, que vem acontecendo, ele não seria assim uma criança que iria pra escola..., pra casa, da escola pra casa, da casa pra escola, sozinho, ele até vai, porque decora lá o número do ônibus, entendeu?, ele vai assim, mas eu ainda tenho muito medo, porque uma vez ele disse: “Tia B, eu posso ir ao banheiro?”, “Pode”, isso nunca tinha acontecido nem com ele, nem com criança nenhuma, é..., ele foi, saiu, só que ele desceu, por causa de uma -----, aí eu penso: E se ele não vê isso na rua?, E se ele vai pra outro lugar? Entendeu?, mas ele também é autônomo, entendeu, ele já faz as coisas dele direito..., na questão de vestir, que até pra idade, né, já está bem alcançado esse objetivo.

P: Ele tem uma idade compatível com a turma ou não?

B: A minha turma, ela não tem idade compatível não. Não sei porquê. Tem crianças de seis a doze, treze anos, né, então..., e as crianças que tem seis são bem pequenos mesmo, em relação à idade, né, mas são crianças que tem, é..., como eu

posso dizer, é..., mais..., são mais hábeis, né, aprendem melhor do que os mais velhos, e acaba pelo todo se igualando, entendeu.

P: Pelo próprio desenvolvimento da aprendizagem.

B: Isso.

P: E no caso de uma criança ou um aluno não autônomo pra você, quais seriam as características?

B: De um aluno não autônomo?..., bem é..., eu posso falar de um aluno que eu tenho, que no início, né, a gente tem que mostrar a instituição, né, que é grande, principalmente o banheiro que a gente utiliza, o refeitório, a sala de dança, e até hoje ele não consegue saber onde fica, entendeu, nesta questão, né, de problemas que ele tem, ele não consegue, né, mas em certos momentos, como calçar, né, se vestir, né, escovar os seus dentes, lavar a mão de forma adequada, ele até sabe. Aí autônomo, pra mim é saber, né, assim, fazer as coisas por ele, se vestir, calçar, né, ir aos lugares, né, de uma forma correta, né, fazer o que a professora..., é o que eu trabalho aqui na questão da autonomia, são coisas fáceis, né, e que vai..., assim, ele vai se tornando mais autônomo, assim, com o decorrer, né..., agente trabalha em várias etapas aqui, desde..., com os pequenos eu to nos deveres pessoais, até nos maiores, que aí é em outro setor, é outro momento, né, eles vão trabalhando, até quando chega na profissionalização..., e é assim.

P: E no caso, eles tem é a distorção de idade e tem também, assim, uma aprendizagem heterogenia, no caso dos problemas de síndromes ou de problemas mentais que eles tenham, existe vários tipos, ou eles são agregados dependendo dos problemas?

B: São

P: É? E quais seriam, mais ou menos, os critérios de uma seleção pra agregar essas crianças numa turma?

B: A seleção que a Pestalozzi faz..., olha, eu não sei se essa pergunta seria bem pra mim, mas eles fazem uma avaliação, né, de acordo é..., um trabalho mesmo pedagógico, pra ver se todos..., não importa tá a síndrome que eles estão, isso vai, primeiramente de acordo com a idade, tá, e depois o nível em que eles estão, tá, o nível pedagógico, e monta-se uma turma, né, que dependendo, tá, das síndromes, tem um início, tá, as salas, hoje em dia são oito, a maioria tem déficits de atenção, déficits de aprendizagem, né, incluindo uma síndrome, uma outra coisa, mas, assim, o critério mais é a idade e mesmo o nível pedagógico em que estão.

P: Você tem mais algo a dizer pra poder esclarecer sobre o J, sobre o seu trabalho em sala de aula ou com as outras crianças?

B: Eu acho que não.

P: Tudo certo? Então tá, obrigada professora B.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELA MESTRANDA

Suely de Almeida Batista Dessandre

Professora: C.

Ciep Djanira

Aluno: G.

(22)

P: Você considera G. uma criança fácil, ou difícil?

C: Bom, do ponto de vista pessoal, da forma de lidar com ele, eu considero fácil, porque ele é uma criança dócil, obediente, ele respeita as regras estabelecidas pela escola, pelo grupo, então eu não tenho problema nenhum de relacionamento com ele, nem ele comigo como professora e nem ele com seus colegas de classe e da escola, então nesse ponto de..., por esse ponto de vista ele é considerado um aluno fácil de se lidar, né, e do ponto de vista agora de aprendizagem do conteúdo né, da..., que ele tem que adquirir, ele encontra-se assim..., um meio termo, ele tá assim, do difícil, começando a passar pro fácil, ele está começando a dominar, ele está começando a compreender as matérias, as atividades, né.

No início do ano, né..., ele é um aluno novo na escola, no início do ano é..., eu passando um texto no quadro, eu passei o texto em forma de parágrafos, e ele não dominava esse conteúdo ainda, né, de compreensão de texto e parágrafo e ponto, ele não tinha esse domínio, então eu pedi que ele apagasse pra ele copiar corretamente, pra ele fazer o parágrafo..., aí ele veio a minha mesa, tava errado, eu expliquei e pedi que ele apagasse e refizesse, e ele não gostou, aí ele voltou lá apagou e voltou, e continuava errado, e mais uma vez eu pedi que ele apagasse, e ele voltou para apagar, mas voltou de cara feia, voltou na minha mesa, ainda estava errado, por três vezes estavam erradas, ele voltou novamente, e aí ele já voltou resmungando, ele já voltou irado, cansado, ele não queria mais fazer, né, até justificável também eu compreendo, porém era a única maneira de eu fazer ele entender, né, é apagando, não adiantaria eu apagar, eu fazer por cima, eu escrever a caneta passando por cima uma correção, porque ele não iria compreender o porquê de eu fazer aquilo, então eu pedi realmente que ele apagasse, e fui mostrando pra ele no quadro onde era parágrafo, onde parava aquele ponto e ia pra outro parágrafo, então naquele momento se tornou, assim, muito difícil pra ele e aí eu considerei difícil, né. Mas agora já no decorrer, ele já compreendeu, esse caso específico do parágrafo ele já compreende, ele já faz corretamente, e assim como as outras atividades também com as outras matérias. É..., de primeiro momento, nem sempre ele alcança, mas aí ele vem na minha mesa, tem uma explicação, às vezes individual, e aí ele começa a compreender, então ele está caminhando do difícil pro fácil, tá bom?.

P: E você já disse algumas características de como seriam as crianças fáceis e difíceis. O que você consideraria como característica específica do G. como difícil ou como fácil? Seria o lado da aprendizagem mesmo ou seria o lado do comportamento, como fácil?

C: Olha, até mesmo pro aprendizado ser fácil, ser considerado fácil, também depende do comportamento em si, né, porque a partir do momento em que a criança tem um comportamento fácil, ela vai compreender a matéria mais facilmente, porque ela vai estar sentada, centrada, né, ela vai estar absorvendo aquilo com interesse, então pra mim, o fácil significa isso, um comportamento de interesse..., que demonstre interesse, que demonstre, é... assim, maturidade pra

estar sentado num lugar enquanto que não é pra fazer outras coisas, né, no momento em que a professora está explicando. Então pra mim fácil em comportamento leva a uma facilidade de aprendizagem, e é o que realmente tem acontecido nele, porque ele é uma criança que ele tem um bom comportamento em sala de aula, ele é centrado, ele..., como eu falei no início, ele obedece às regras, então pra ele fica mais fácil compreender, ainda que ele tenha alguma dificuldade, né, no aprendizado, é uma coisa mais fácil de ser sanada, porque ele demonstra interesse, então pra mim a facilidade está nisso, as características são essas, tem que ter um comportamento de interesse, que demonstre interesse pra poder tudo caminhar facilmente, tanto o comportamento, né, e o aprendizado.

P: E você considera G. como um aluno autônomo? Por quê?

C: Ele não é autônomo. Porque, justamente pela dificuldade que ele tem, em certos momento de estar assimilando aquele conteúdo, porque no primeiro momento eu explico de uma forma geral pra todos da classe, né, com paciência, usando todos os recursos possíveis que eles possam alcançar o meu objetivo, né, para passar aquele conteúdo, e geralmente nessa explicação o G. não pega, então aí ele não passa a ser autônomo, porque ele não pegou uma coisa que eu falei para todo o grupo, e ele não..., geralmente ele não consegue desempenhar sozinho, ele precisa vir à minha mesa várias e várias vezes, pra que ele possa compreender como ele tem que fazer, porque de primeiro momento são muito poucas vezes que ele pega, de primeiro momento. Ele precisa várias vezes vir à minha mesa, então ele não é autônomo, porque muitas vezes eu dou um exercício, até que já foi passado, que já foi visto em sala de aula, não é novidade, não é a primeira vez, e mesmo assim ele tem dificuldade de fazer, e aí pra mim a criança seria autônoma quando..., não quando é uma novidade, tudo bem, mas quando é uma coisa que já é conhecido, que já tem domínio daquilo, então eu dou a folha do dever ou eu passo a atividade no quadro e ele faz imediatamente, né, sem até mesmo a intervenção da professora, mas ele não acontece isso, nem sempre isso acontece mesmo com ele, a maioria das vezes ele precisa vir à minha mesa, então eu não o considero autônomo, por conta disso.

P: De uma maneira geral o que você entende como um aluno autônomo? Quais são as características?

C: É, quanto ao conteúdo, a aprendizagem, eu considero autonomia nesse sentido de que com a explicação, com uma única explicação, ele vai resolver, ele vai conseguir fazer, ele vai ter autonomia pra resolver, desempenhar aquela atividade, sem precisar de muita intervenção da professora. Haja vista que ele já foi..., o exercício já foi explicado, e ele tem agora a autonomia dele para resolver, não importa como ele vai alcançar aquele resultado, não importa o caminho que ele vai levar pra chegar lá, importa o que ele vai fazer, de alguma maneira ele tem que dar um resultado pra aquilo ali, então pra mim, isso que é autonomia na atividade, no conteúdo. E, quanto ao comportamento, tem autonomia a criança que você pede que forme, pede que guarde o material, e faz, no momento em que entendeu aquilo e vai fazer sem ta toda hora perguntando à professora: “O que, que é pra fazer? Se é para formar?”; “Professora é pra fazer isso, é pra fazer aquilo?”, quando a professora já direcionou o que tem que fazer, entendeu, então autonomia eu considero isso.

P: Está ótimo!

C: Está bom?

P: Muito obrigado professora C..

C: De nada.